

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO  
ADOLESCENTE**

**AGLAY GALVÃO FRANCELINO**

**USO DE *CRACK* NA ADOLESCÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES E  
PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA – CE**

**FORTALEZA – CEARÁ  
2015**

AGLAY GALVÃO FRANCELINO

USO DE *CRACK* NA ADOLESCÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES E  
PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA – CE

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração Saúde da Criança e do Adolescente.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Dias Quinderé

FORTALEZA – CEARÁ

2015

AGLAY GALVÃO FRANCELINO

USO DE CRACK NA ADOLESCÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA - CE

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Ceará em cumprimento das exigências do Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. Área de Concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Dias Quinderé.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Francelino, Aglay Galvão .

Uso de crack na adolescência: representações de estudantes e professores de uma escola pública de Fortaleza - CE [recurso eletrônico] / Aglay Galvão Francelino. - 2015.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 114 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente, Fortaleza, 2015.

Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.

Orientação: Prof. Dr. Paulo Henrique Dias Quinderé.

1. Adolescência. 2. Crack. 3. Saúde na escola. I. Título.

AGLAY GALVÃO FRANCELINO

USO DE CRACK NA ADOLESCÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES E  
PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA-CE

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração Saúde da Criança e do Adolescente.

Aprovada em: 20/11/2015

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Paulo Henrique Dias Quinderé



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edna Maria Camelo Chaves



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Keylla Márcia Menezes de Souza

***DEDICATÓRIA***

---

À minha família pela compreensão nos momentos de ausência, em especial ao meu marido Aguiamar Neto e a minha mãe, Iracema Galvão, pela força e dedicação enquanto não pude estar com o meu filho.

# ***AGRADECIMENTOS***

---

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por sua constante presença e por todas as providências e cuidados dispensados através dos amigos, dos familiares e de outras pessoas essenciais para a realização deste sonho.

Ao meu orientador, Paulo Quinderé, por toda a compreensão, disponibilidade e competência. Suas contribuições foram fundamentais para a construção desta pesquisa, me proporcionando novos conhecimentos sobre o tema.

Aos amigos de trabalho, por todo o apoio e pelas palavras de ânimo, em especial Raquel Pereira, Gisele Varela e Laurineide Diniz.

Às companheiras de turma, Izabel Cristina e Gláucia Saldanha essenciais para o meu crescimento acadêmico. Obrigada por todos os conhecimentos compartilhados.

Ao grupo de pesquisa em saúde mental das Faculdades Nordeste (FANOR), por todo o carinho e cuidado.

***ΕΠΪΓΡΑΦΕ***

---

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

Charles Chaplin

***RESUMO***

---

## RESUMO

O uso de drogas na adolescência tem se tornado uma prática frequente, justificada por alterações biopsicossociais e por representações subjetivas que os jovens constroem sobre este fenômeno. Diversos estudos e levantamentos epidemiológicos comprovam o aumento de uso de *crack*, o que caracteriza como o sério problema de saúde pública e deve ser discutido de forma consistente. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo geral compreender as representações de estudantes e professores de uma escola pública sobre o uso de *crack* na adolescência. Trata-se de uma pesquisa-ação, realizada em uma escola pública no município de Fortaleza-CE, localizada na regional VI, no período de junho a outubro de 2015. Os participantes da pesquisa foram 12 alunos e 7 professores. Para coleta de dados, realizamos grupos focais com os estudantes e entrevistas com os professores, utilizando a técnica de gravação. Para análise dos dados, utilizamos a análise interpretativa dos desenhos produzidos nos grupos focais com base no referencial teórico de Jean Piaget. Para analisar as falas dos alunos e dos professores realizamos a transcrição na íntegra e seguimos a fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur, que dispõe sobre a análise interpretativa de dados, considerando as vivências subjetivas dos participantes com o objeto de estudo, os conhecimentos prévios do pesquisador, que assume a função de intérprete procurando analisar o que está implícito nas falas. A partir disso identificamos duas categorias de análise. Na primeira identificamos conteúdos voltados para fenômenos químicos, culturais e sociais que envolvem o uso de *crack* e na segunda categoria interpretamos o circuito de violência na percepção de alunos e professores que envolvem o uso problemático desta substância. Os principais resultados comprovam que o discurso dos adolescentes sobre o uso de *crack*, fundamenta-se em uma conotação negativa, configurando-se como “um perigo”, “uma doença” ou “um vício”. Esse discurso pode representar uma repetição do que culturalmente vivenciam em suas comunidades, ciclos de amizades ou até mesmo de suas experiências familiares. Sobre as repercussões, comentaram que as pessoas que usam o *crack* podem sofrer com os desfechos secundários, entre eles a “cadeia” e a “morte”. Para os professores, falar sobre esta temática com os adolescentes configura-se como um grande desafio, pois não se sentem preparados e nunca receberam nenhum tipo de qualificação nesse sentido. Como produto final, construímos uma cartilha interativa e contextualizada, com o intuito de oferecer conhecimentos para os professores e alunos e incentivar as discussões em sala de aula sobre o fenômeno do uso de *crack* na adolescência.

**Palavras-chaves:** Adolescência. *Crack*. Saúde na escola.

***ABSTRACT***

---

## ABSTRACT

The use of drugs in the adolescence have been turned in a frequent practice, justified by biopsychosocial alterations and subjective representations that youngster build about this phenomenon. Several studies and epidemiological surveys prove the growing use of *crack*, which characterizes a serious public health concern and have to be discussed in a consistent form. In this context, this study has a main aim to comprehend the students and teachers' representations about the use of *crack* in the adolescence. It is an action research, realized in a public school from the city of Fortaleza-CE, located on regional VI, during the period of June to November 2015. The participants of the research were 12 students and 7 teachers. To collect data, we have realized focal groups with the students and interviews with the teachers, using a recording technic. In order to analyse data, we have used the interpretative analysis of the pictures made in the focal groups based on the Jean Piaget's theoretical referential. To analyse the students and professionals' discourse, we have realized the full transcription and followed the Paul Ricoeur's hermeneutic phenomenology, which disposes about the interpretative analysis of data, the previous knowledge from the researcher, which assumes the interpreter function by analysing what is implicit in the speeches. Beginning from that, we have identified two major analysis categories. In the first, we have identified contents about the chemic phenomenon, cultural, and social aspects that evolve the use of *crack*, and in the second category, we have interpreted the violence circuit by the perception of students and teachers that involve the problematic use of this substance. The major results prove that the adolescents discourse about the use of *crack* is justified by a negative connotation, configured as "a danger", "an illness", or "an addiction". This discourse can represent a repetition of what is culturally lived in the community, friendship groups or even their family experiences. About those repercussions, they comment that people that use *crack* can suffer with secondary outcomes, among them the "jail" and "death". To the teachers, talking about this subject with adolescents is a huge challenge because they did not feel prepared and have not received any type of qualification. As a final product, we have built an interactive and contextualized pocket book in the pursuit of offering knowledge to teachers and students as well as incentive discussions in the classes about the phenomenon of using *crack* in the adolescence.

**Keywords:** Adolescence. *Crack*. School health.

## ***LISTA DE ILUSTRAÇÕES***

---

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.....	41
Figura 2 –	Etapas que caracterizam a pesquisa-ação da pesquisa.....	42
Figura 3 –	Mapa da Secretaria Regional VI.....	44
Figura 4 –	Etapas da elaboração da tecnologia educativa.....	56
Figura 5 –	Elaborada pelos adolescentes estudantes, no primeiro grupo focal. Fortaleza-CE 2015.....	59
Figura 6 –	Elaborada pelos adolescentes estudantes, no primeiro grupo focal, Fortaleza-CE, 2015.....	70
Figura 7 –	Elaborada pelos adolescentes estudantes, no primeiro grupo focal, Fortaleza CE, 2015.....	74
Figura 8 –	Cartilha educativa abordando o uso do crack.....	77

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa. Fortaleza, 2015.....	45
Quadro 2 –	Caracterização dos adolescentes quanto à idade e com quem mora.....	45
Quadro 3 –	Processo de codificação dos temas.....	53

## ***LISTA DE SIGLAS***

---

## **LISTA DE SIGLAS**

IPECE: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

EJA: Educação de Jovens e Adultos

CAPS: Centro de Atenção Psicossocial

ESF: Estratégia saúde da Família

PSE: Programa Saúde na Escola

SPE: Saúde e Prevenção nas Escolas

## ***SUMÁRIO***

---

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	21
1.1	APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	21
1.2	APROXIMAÇÃO COM O OBJETO DE ESTUDO.....	23
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	27
2.1	GERAL.....	27
2.2	ESPECÍFICOS.....	27
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	29
3.1	A ESCOLA PÚBLICA: ESPAÇO PARA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS, HABILIDADES E CIDADANIA.....	29
3.2	VULNERABILIDADE PARA O USO DE CRACK NA ADOLESCÊNCIA.....	32
3.3	ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DO ADOLESCENTE NA PERSPECTIVA DA PREVENÇÃO AO USO DE CRACK.....	35
<b>4</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	41
4.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	41
4.2	O CENÁRIO E PERÍODO DA PESQUISA.....	43
4.3	ENTRADA EM CAMPO.....	44
<b>4.3.1</b>	<b>Caracterização dos participantes da pesquisa</b> .....	45
4.4	COLETA DOS DADOS.....	46
<b>4.4.1</b>	<b>O primeiro contato com os estudantes</b> .....	46
4.4.1.1	Grupos Focais com os Estudantes.....	47
4.4.1.2	O Primeiro Grupo Focal.....	48
4.4.1.3	O Segundo Grupo Focal.....	50
<b>4.4.2</b>	<b>Entrevistando os professores</b> .....	51
4.5	ANÁLISE DOS DADOS.....	52
<b>4.5.1</b>	<b>Análise das falas dos alunos e dos professores</b> .....	52
<b>4.5.2</b>	<b>O desenho como construção simbólica do objeto de estudo</b> .....	53
4.6	CARTILHA EDUCATIVA.....	55
4.7	PRINCÍPIOS ÉTICOS E LEGAIS.....	56

5	<b>ENTRE FALAS E ARTES: RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	58
5.1	CARACTERIZAÇÃO DOS ADOLESCENTES.....	58
5.2	“MATAR AULA É IGUAL A <i>CRACK</i> , VOCÊ EXPERIMENTA UMA VEZ E NUNCA MAIS PARA”.....	58
5.3	O CIRCUITO DE VIOLÊNCIA DO CONSUMO DO <i>CRACK</i> , NA COMPREENSÃO DE PROFESSORES E ALUNOS.....	70
5.4	ABORDANDO O CONSUMO DE <i>CRACK</i> COM ADOLESCENTES NA ESCOLA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA.....	77
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	95
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	98
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS.....</b>	106
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PROFESSORES.....</b>	107
	<b>APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO AO ADOLESCENTE</b>	108
	<b>APÊNDICE D – ROTEIRO GRUPO FOCAL/ADOLESCENTES.....</b>	109
	<b>APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA / PROFESSORES...</b>	110
	<b>ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA.....</b>	142
	<b>ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....</b>	143

# ***INTRODUÇÃO***

---

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O uso de drogas na adolescência tem se tornado uma prática frequente, justificada por alterações biopsicossociais e por representações subjetivas que os jovens constroem sobre este assunto.

A prática do consumo de drogas está presente na humanidade desde as épocas mais remotas e faz parte da construção de sua história e de sua cultura. É, portanto, um fenômeno milenar e universal realizado por diferentes povos e culturas em diversos contextos (ROEHRS; LENARDT; MAFTUM, 2013; RIBEIRO, 2009; PRATTA; SANTOS, 2006).

Antigamente as substâncias psicoativas eram utilizadas com finalidades religiosas, culturais e medicinais (MARANGONI; OLIVEIRA, 2013). Hoje, é considerado um grave problema de saúde pública, podendo estar relacionadas à criminalidade, doenças, problemas judiciais, conflitos nas relações interpessoais, acidentes e até mesmo morte (SILVA *et al.*, 2010; MONTEIRO *et al.*, 2008).

O sistema capitalista tem dado espaço para a industrialização e comercialização de drogas, as quais podem ser encontradas desde comunidades pobres até as mais ascendentes economicamente falando, o que torna um fenômeno democrático, pois está presente em todas as classes sociais (RIBEIRO, 2009). “As drogas (proibidas ou não) são mercantilizadas, produzidas e distribuídas a partir das relações estabelecidas no modo de produção capitalista” (ROCHA, 2013 p. 567).

Estudos epidemiológicos trouxeram informações relevantes sobre o panorama do uso de drogas no Brasil. Até o início da década de 1980 não evidenciaram índices preocupantes de consumo de substâncias psicoativas, realidade que mudou de forma considerável a partir de 1987, conforme o I levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil. Com esse estudo foi possível notar um elevado consumo de substâncias ilícitas com tendência

de aumento do consumo de maconha, cocaína e *crack*, na década de 1990. (MOMBELLI; MARCON; COSTA, 2010; CARLINI *et al.*, 2002).

O VI Levantamento Nacional sobre o uso de Drogas Psicotrópicas por estudantes do Ensino fundamental e Médio, realizado em 2010, com 50.890 estudantes da rede pública (31.280) e particular (19.610) nas 27 capitais brasileiras detectou que 25,5% dos estudantes fizeram uso na vida de alguma droga ilícita, sendo que 10,6% referiu uso no último ano e 5,5% referiu uso no mês, com pequenas diferenças entre gêneros. De acordo com essa pesquisa as drogas ilícitas mais citadas pelos estudantes foram inalantes, maconha, ansiolíticos, cocaína e anfetaminas. As drogas lícitas (bebida alcoólica e tabaco) são as mais consumidas entre os adolescentes. É importante ressaltar que o uso de *crack* tem alcançado um maior espaço na vida dos adolescentes nos últimos anos, fato evidenciado através da mídia e de pesquisas científicas (CARLINI *et al.*, 2010).

Estudo realizado em Fortaleza em uma comunidade terapêutica aponta que 58% dos adolescentes entrevistados iniciaram o uso de drogas entre dez e 16 anos. Esses adolescentes faziam uso associado de drogas em até cinco tipos. Considerando o recorte dessa pesquisa, observou-se que os meninos tanto das escolas públicas quanto das escolas particulares usavam mais drogas ilícitas do que as meninas (MACHADO *et al.*, 2010). Outro estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) sobre O Uso de Drogas Ilícitas Entre Estudantes do Ensino Fundamental em Fortaleza e Demais Capitais Brasileiras, que comprovou que estudantes do 9º ano na Cidade de Fortaleza consumiram *crack* dez ou mais vezes durante a vida, o que colocou a capital na 2ª posição no ranking, comparando com as demais capitais do País (SALES *et al.*, 2014).

De acordo com Schenker e Minayo (2005, p. 708) “a adolescência constitui um período crucial no ciclo vital para o início do uso de drogas, seja como mera experimentação seja como consumo ocasional, indevido ou abusivo”. É normal apresentarem uma ampla variação no comportamento. Nessa fase, o adolescente procura testar as possibilidades de vivenciar experiências da fase adulta, tendo dificuldades de aceitar orientações, considerando que tem o controle sobre si mesmo (MARQUES; CRUZ, 2000).

A tendência para o aumento do uso de drogas entre os jovens pode ser compreendida através das experiências vivenciadas na adolescência, no entanto, outras causas podem ajudar a explicar esse evento. O estudo de Chaves *et al.* (2011) apontam como causas predisponentes para o uso de drogas os fatores genéticos, a presença de psicopatologias (depressão e personalidade antissocial), a baixa autoestima e a pouca perspectiva na vida. Também comentam sobre a relevância dos fatores contextuais que podem ser decisivos para o uso de drogas, como condições socioeconômicas, aspectos socioculturais, facilidade de acesso à droga, falta de vínculo familiar e carência de informações sobre o assunto.

Tomando como base o pressuposto de que os adolescentes são naturalmente vulneráveis ao uso de drogas é interessante pensar na corresponsabilização dos setores saúde e educação, no sentido de melhorar sua articulação para trabalhar essa temática nas escolas, nas unidades de saúde, nos lares, nas comunidades religiosas. Schenker e Minayo (2005, p. 708) consideram que “a família, pelo papel de inserir seus membros na cultura e ser instituidora das relações primárias, influencia a forma como o adolescente reage à ampla oferta de droga na sociedade atual”. Ainda afirma que relações familiares saudáveis servem como fatores de proteção para a vida inteira.

## 1.2 APROXIMAÇÃO COM O OBJETO DE ESTUDO

O interesse em estudar a problemática do uso de drogas surgiu a partir da minha experiência como enfermeira em uma unidade de desintoxicação de um hospital de referência de Fortaleza-Ceará. Vivenciei momentos de desafios e inseguranças que foram cruciais para conhecer mais sobre a dependência química. Senti a necessidade de trabalhar de forma mais efetiva junto aos usuários e dessa forma passei a procurar na literatura o embasamento científico necessário para compreender melhor o processo de desintoxicação, e finalmente, reconhecer a dependência química como doença grave, que causa grandes prejuízos biopsicossociais.

Minha trajetória profissional, incluindo as atividades acadêmicas como docente da disciplina Enfermagem em Saúde Mental, de um curso de Graduação em Enfermagem, trouxe significados para a minha vida pessoal e profissional, inquietando-me a ser agente de construção de reflexões críticas voltadas às ações de promoção da saúde e prevenção ao uso de drogas. A oportunidade de desenvolver o relacionamento terapêutico junto aos pacientes em tratamento para desintoxicação tornou possível identificar que muitos relatos sobre o primeiro uso de drogas estavam associados ao período da adolescência. A frequência de uso e a quantidade da droga escolhida aumentavam rapidamente a partir do primeiro uso, no entanto, a procura por um serviço de saúde especializado só ocorria quando as vivências sociais e familiares tornavam-se desequilibradas.

Relatos de violência praticada para obtenção da droga, conflitos familiares, prisões e tráfico, estavam presentes nos diálogos desses indivíduos. O sofrimento psíquico tanto dos usuários como de seus familiares eram facilmente perceptíveis.

Além da minha atuação como enfermeira nas áreas assistencial e acadêmica, tive a oportunidade de trabalhar como professora da disciplina de Ciências em escolas públicas de Fortaleza; experiência rica e singular que me proporcionou uma percepção de forma mais real acerca das vivências adolescentes. Pude perceber que alguns jovens estavam inseridos em ambientes sociais que lhes proporcionam uma experiência diária com parentes ou amigos que faziam uso de substâncias psicoativas. Dessa forma enfrentavam situações de risco para o uso de drogas, destacando o convívio com dependentes químicos (algumas vezes assumiam a posição de mediador entre o traficante e o usuário), além dos grandes conflitos familiares. Muitos relatavam fazer uso de bebida alcoólica e tabaco sem nenhum tipo de constrangimento.

Dentro das escolas, esse assunto gerava insegurança e medo para os profissionais, os quais não se sentiam preparados para falar sobre o tema. Nesse contexto, torna-se pertinente refletir que é urgente a criação de uma rede de compromisso entre educadores, profissionais da saúde, autoridades públicas, enfim, dos diversos segmentos sociais com o intuito de desenvolver ações educativas voltadas para a prevenção do uso abusivo de substâncias psicoativas. Faz-se

necessário o uso de intervenções eficazes e contínuas, a utilizar principalmente os espaços educacionais, caso contrário estes adolescentes podem se tornar futuros pacientes das unidades de desintoxicação.

Portanto, o objeto de estudo está direcionado para compreensão das representações de alunos e professores de uma escola pública no município de Fortaleza-Ce, sobre o uso de *crack* na adolescência. A aplicabilidade desta proposta de estudo com a linha de pesquisa voltada para a situação de saúde do adolescente está direcionada para a construção de um conhecimento sólido e reflexivo tanto para os serviços de saúde como para os espaços de ensino, uma vez que servirá como contribuição para trabalhar essa temática junto ao adolescente.

Diante do exposto questionamos:

- Quais as representações que estes adolescentes têm ou dão em relação ao *crack*?
- Quais os padrões de uso e formas de consumo?
- Como os professores representam este uso de substâncias pelos adolescentes?
- E como se dão as compreensões e intervenções na escola? Se é que elas ocorrem?

Assim, para contemplar o público de adolescentes, se faz necessário pensar que “as estratégias preventivas devem buscar minimizar as consequências negativas decorrentes do uso, através de alternativas capazes de contemplar as singularidades dos diferentes tipos de droga, de consumo e de usuário” (MONTEIRO *et al.*, 2008, p. 10).

Nesse contexto, uma tecnologia educativa foi elaborada como produto final desta pesquisa, que poderá servir como material de apoio pedagógico para trabalhar a temática de forma leve e descontraída, facilitando a interação entre professores e alunos.

## ***OBJETIVOS***

---

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 GERAL**

- Compreender as representações de estudantes e professores de uma escola pública sobre o uso de *crack* na adolescência.

### **2.2 ESPECÍFICOS**

- Discutir o uso de *crack* com alunos e professores de uma escola pública.
- Problematizar as ações de prevenção do uso de *crack* na perspectiva da educação em saúde.
- Apreender as representações dos professores e alunos sobre o uso de *crack*.
- Construir e elaborar uma cartilha educativa sobre o *crack*.

## ***REFERENCIAL TEÓRICO***

---

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 A ESCOLA PÚBLICA: ESPAÇO PARA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS, HABILIDADES E CIDADANIA

“É importante ter em mente que a questão das drogas é um problema social e, por isso, não deve ser tratada de forma individualizada, particular. Requer uma visão ampla no contexto no qual se insere” [...]. (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005, p. 91). Na sociedade atual o uso de drogas por adolescentes tem se tornado uma prática mais frequente, incluindo os espaços escolares.

Desse modo, vale ressaltar a influência que a escola exerce na vida dos adolescentes, uma vez que é considerada lugar para a formação de sujeitos, a partir das relações que se estabelecem entre alunos e professores. De acordo com Abramovay e Castro (2005) essa interação ultrapassa a dimensão pedagógica, uma vez que a escola assume uma relação de compromisso com os projetos de vida e as aspirações dos jovens que nela convivem.

Apesar do preconceito construído em torno da escola pública, esta também deve ser compreendida como lugar de construção de conhecimentos, troca de experiências e como espaço protetor para o uso indevido de drogas, já que abriga diariamente um grupo populacional sujeito a diversas vulnerabilidades sociais e de saúde, e atua como construtora de paradigmas tendo responsabilidade de ensinar princípios e valores, aceitos culturalmente e que são levados por toda uma vida.

Cabe aqui, refletir sobre as ações educativas desenvolvidas pelas escolas, com embasamento nas políticas públicas que devem oferecer condições para o seu funcionamento e garantir direitos aos cidadãos. De acordo com Giacomozi *et al.* (2012, p. 614) considerando o contexto sociocultural, a escola “vivencia o desenvolvimento das práticas pedagógicas operacionalizadas a partir de políticas públicas. Essas políticas têm sido planejadas no sentido de trabalhar os problemas cotidianos com articulação intersetorial”.

A lei que dispõe sobre a proteção dos direitos da criança e do adolescente, traz em seus artigos 3 e 4 as seguintes descrições:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (ECA, 1990).

Infelizmente, muitos desses direitos não são priorizados na prática, realidade que potencializa as situações de vulnerabilidade e exclusão social (SCHWONKE; FONSECA; GOMES, 2009).

Nesse sentido é importante refletir que a escola tem um papel fundamental na construção da cidadania e do desenvolvimento da consciência dos direitos humanos, sendo considerada um local de convergência das políticas públicas atuais e espaço coletivo da diferença (SIMÕES *et al.*, 2011).

Corroborando com esta ideia, o Ministério da Saúde afirma que esta instituição deve ser compreendida como “espaço de relações, um espaço privilegiado para o desenvolvimento crítico e político, contribuindo na construção de valores pessoais, crenças, conceitos e maneiras de conhecer o mundo e interfere diretamente na produção social da saúde” (BRASIL, 2009, p. 8). Ainda pode ser vista como lugar para desenvolver habilidades, construir conhecimentos e promover de mudanças comportamentais (GUBERT *et al.*, 2009, p. 1).

Diante disso questiona-se: o que a escola tem feito para prevenir o uso de drogas na adolescência? Diversos assuntos como sexualidade, gravidez precoce, Doenças Sexualmente Transmissíveis, uso de substâncias psicoativas devem ser discutidas pelos educadores e profissionais da saúde, envolvendo a família nesse debate, uma vez que são temas de interesse de jovens que estão vivenciando o processo da adolescência. A escola tem feito isso? Ela tem recebido condições para realizar ações nesse sentido?

Muitos esforços têm sido atribuídos no sentido de construir uma educação integral, que não se preocupe apenas com a construção de conhecimentos formais, mas que atenda continuamente as necessidades biopsicossociais de seus alunos, construindo dessa forma uma corresponsabilização junto aos demais segmentos sociais. Para isso alguns programas de promoção da saúde integrados na Política Nacional de Educação foram criados entre eles o Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), o Programa Saúde na Escola (PSE) e o Programa Mais Educação.

De acordo com Moraes (2010) o SPE foi criado em 2003 e representou um divisor de águas na integração saúde-educação. Foi criado a partir da articulação entre os Ministérios da Saúde e da Educação com apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). Esse projeto tem o objetivo de contribuir para o fortalecimento da cultura da prevenção e promoção da saúde no espaço escolar.

O PSE é uma estratégia de articulação entre os Ministérios da Saúde e Educação e tem o objetivo de desenvolver ações de promoção, prevenção e atenção à saúde, visando o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o desenvolvimento de crianças e adolescentes da escola pública. O programa Mais educação é uma estratégia utilizada para ampliar a educação em tempo integral e tem como finalidade melhorar a qualidade da aprendizagem através da expansão do tempo de permanência na escola (SIMÕES *et al.*, 2011).

De acordo com Silva *et al.* (2010) a atenção integral aos adolescentes se propõe a criar ações que permitem o desenvolvimento de competências e habilidades para o enfrentamento e minimização da vulnerabilidade.

Portanto, com aumento do consumo de *crack* entre os jovens, torna-se imprescindível uma maior divulgação sobre essa substância nos ambientes comunitários, incluindo a escola, utilizando estratégias de promoção da saúde.

Estudo realizado por Chaves *et al.* (2011) buscou analisar entre adolescentes e jovens em situação de risco, os motivos para o não uso de drogas ilícitas e identificou que a informação foi o principal fator de proteção. Foram

entrevistados 62 adolescentes e jovens entre 16 e 24 anos. Entre eles 32 não usavam drogas e 30 eram usuários pesados. Como resultado foi possível identificar que entre os jovens não usuários, a informação foi o principal motivo para a decisão de não usar drogas. O principal meio de veiculação foi a família, seguido da observação da experiência negativa vivenciada por amigos que já usavam de forma compulsiva. Em contrapartida, no grupo de adolescentes usuários prevaleceu a falta de informação ou a disponibilidade de conhecimentos vagos.

Ao analisar o referido estudo, nenhum adolescente/jovem citou a escola como fonte de informação efetiva sobre as drogas, pois afirmaram que as informações ofertadas pela escola foram superficiais e não geraram impactos de proteção quanto ao uso de drogas. Esse estudo serve como motivação para um trabalho mais intenso de divulgação de informações sobre essa temática dentro dos espaços educacionais, visto que acolhem diariamente adolescentes com risco potencial para uso de substâncias. A escola pode atuar ainda como fator de proteção, à medida que promove ações que se refletem nos demais espaços comunitários. No entanto, para que isso ocorra de forma efetiva às políticas públicas precisam capacitar profissionais e investir recursos para a promoção da saúde dentro dos espaços educacionais.

### 3.2 VULNERABILIDADE PARA O USO DE CRACK NA ADOLESCÊNCIA

O *crack* surgiu nos EUA no final da década de 1980 e é derivada da cocaína, por meio da adição de água e bicarbonato de sódio. “O nome vem de uma palavra inglesa que descreve o som produzido durante o processo de aquecimento da droga na hora de fumar” (LARANJEIRA; JUNGERMAN; DUNN, 2012, p. 28). Utilizada pelos povos andinos como revigorante e com o objetivo de eliminar a fome, também chegou a ser prescrita por Freud como antidepressivo e ansiolítico. No entanto, no século XX houve um grande aumento do uso de cocaína nos EUA e seu uso terapêutico foi eliminado (LEMOS; ZALESKI, 2012).

Considerando sua classificação, o *crack* é uma droga ilegal e estimulante do Sistema Nervoso Central, que causa uma variedade de alterações como excitação, intenso prazer, sensação de poder e euforia, diminuição do apetite e da

necessidade de sono, taquicardia, sudorese, midríase. Sob o efeito dessa substância, há alteração do comportamento evidenciado por irritabilidade, agressividade, tremores e psicose cocaínica (delírios e alucinações).

Essa droga pode levar à morte um número significativo de usuários seja pela ação direta da droga provocada no organismo ao longo do tempo ou por outros motivos indiretos como complicações sociais envolvendo o tráfico, ações policiais e violência.

No Brasil, o uso dessa droga vem crescendo de forma intensa, lembrando que o álcool e o tabaco também são utilizados de forma abusiva por crianças e adolescentes. Os usuários que são moradores de rua “vivenciam agravos relativos ao uso, não só físicos, como psíquicos e sociais” (BRASIL, 2011).

Muitos jovens vivem em situações de risco, sem ter seus direitos fundamentais assegurados. Quando isso ocorre, as possibilidades de adoecimento mental e físico são proporcionalmente maiores, ainda mais quando se pensa naqueles que moram nas ruas. No Brasil há uma visível desigualdade social, que exclui grande parte dos adolescentes em situação de pobreza, deixando-os expostos a violências explícitas e silenciosas tanto na família como fora dela (CARINHANHA; PENNA, 2012).

É importante considerar que o período da adolescência é marcado por fortes mudanças quanto aos aspectos biológico, social, cultural e existencial. Essa compreensão deve estar baseada em uma visão sistêmica e construtivista dentro desse processo onde o sujeito seja visto dentro de suas particularidades, bem como em suas interações com o seu contexto familiar e social, em um dado momento de sua história e cultura (SILVA *et al.*, 2010).

Dessa forma, procura-se compreender o conceito de vulnerabilidade que pode ser particularizada em três níveis, ou seja, individual, social e programática. A vulnerabilidade individual depende da singularidade do indivíduo expressa através de comportamentos e atitudes. A vulnerabilidade social está associada aos fatores econômicos, políticos e sociais, e por fim, a vulnerabilidade programática que é

expressa por meio de ações do poder público, iniciativa privada e pela sociedade civil para enfrentar as situações que causam as vulnerabilidades.

Estas particularidades podem atuar como fatores de risco para o uso de drogas, como é mostrado por diversas pesquisas, sendo relevante promover uma reflexão crítica sobre a existência e resolutividade das vulnerabilidades na adolescência.

Estudo de Jesus *et al.* (2011) investigou os motivos que estão associados ao consumo de drogas por adolescentes e foi identificado que a carência de atividades de lazer, as condições de vida dos jovens, o envolvimento familiar com as drogas, a ausência dos pais, violência doméstica, o uso de drogas entre os amigos e baixa percepção e apoio dos pais, os direcionam com mais facilidade ao consumo de substâncias psicoativas.

Estudo sobre a caracterização de internações psiquiátricas para desintoxicação de adolescentes dependentes químicos evidenciou que o uso das drogas ocorreu de forma escalonada, iniciando das mais leves (bebida alcoólica e tabaco) para as mais pesadas (maconha, cocaína e crack). A maior parte referiu usar drogas há mais de três anos, sendo o *crack* a droga utilizada com maior frequência pelos adolescentes de ambos os sexos. Os autores ainda discutem que alguns fatores estão associados à determinação da dependência às drogas por parte de jovens como família, escola, grupos de companheiros, condição socioeconômica e outros fatores ambientais (MOMBELLI; MARCON; COSTA, 2010).

Além disso, é interessante levar em consideração as motivações para o uso de substâncias psicoativas. De acordo com Silva e Mattos (2012, p. 36).

Motivação é a força que compele um comportamento a acontecer. Explicam ainda que os circuitos cerebrais envolvidos na motivação são responsáveis pela impulsividade, pelas tomadas de decisão, pela manutenção das funções básicas – como se alimentar, beber, reproduzir – e, também pela eventual dependência às drogas.

Dessa forma compreende-se também que para os adolescentes “o uso de substâncias adquire sentidos e significados diferentes, de acordo com as experiências subjetivas dos indivíduos que as utilizam, assim como através das estruturas sociais aos quais estes usos estão relacionados” (QUINDERÉ, 2013, p. 34).

### 3.3 ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DO ADOLESCENTE NA PERSPECTIVA DA PREVENÇÃO AO USO DE CRACK

A reforma sanitária brasileira ocorreu em 1987 e trouxe novas perspectivas no campo da saúde através da instituição do Sistema Único de Saúde (SUS) que tem seu funcionamento organizado pelas leis 8.080 e 8.142. A partir de então surge uma nova formulação política e organizacional dos serviços de saúde. (FIGUEIREDO *et al.*, 2007). Essa conquista também foi motivada pelos grandes questionamentos que vinham surgindo sobre a definição de saúde e seus determinantes.

O SUS trouxe um olhar diferenciado para a coletividade, objetivando uma mudança nas práticas de saúde vigentes. Essa percepção é embasada em seus princípios doutrinários que são: universalidade, integralidade da assistência, equidade, descentralização político-administrativa e participação da comunidade.

De acordo com Ronzani e Mota (2005) as políticas públicas sobre drogas desenvolvidas pelo Ministério da Saúde têm a iniciativa de elaborar estratégias de atenção integral ao usuário dentro das propostas do SUS. Nesse sentido é importante lembrar que o atual sistema de saúde, teoricamente, garante a todos os cidadãos o direito a consultas, exames e tratamentos nas unidades de saúde vinculadas, sejam elas públicas ou privadas, conforme descrito na constituição de 1988:

A saúde é um direito de todos e dever do estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a sua promoção, proteção e recuperação.

Torna-se pertinente refletir sobre a rede assistencial de apoio que os adolescentes recebem, como e quando procuram os serviços de saúde. Apesar de ser garantido um atendimento integral, ainda se observa uma fragmentação no cuidado aos jovens, visto que muitos não conhecem seus direitos, o que dificulta sua acessibilidade aos serviços de saúde. Na maioria das vezes a procura por um atendimento se dá num contexto de adoecimento, em decorrência de carências de atividades de promoção e prevenção da saúde.

De posse dessas considerações, pontua-se que a Promoção da Saúde é um dos assuntos de maior relevância na sociedade atual, principalmente quando se relaciona com a prevenção ao uso indevido de drogas. Essa ação vem sendo discutida de forma consistente nas diversas áreas do saber, em decorrência de um novo conceito mais amplo para compreender a saúde. Desse modo, retira-se o foco nas práticas exclusivamente curativas, visto que “não viabiliza a melhoria da atenção, não diminui a sobrecarga de atendimentos, e, tampouco, incentiva a população à tomada de decisões em vista de aderir aos comportamentos de saúde” (MORAIS *et al.*, 2010, p. 1).

Um levantamento de estudos sobre a saúde do adolescente, identificou que a maior procura dos serviços por parte dos jovens volta-se para as ações curativas, revelando com persistência o modelo assistencial clínico, havendo um distanciamento entre realidade e necessidade de um atendimento que priorize a integralidade da saúde (MORAIS *et al.*, 2010).

De acordo com a VIII Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em 1986 em Otawa, as pessoas devem tornar-se ativas no seu processo de cuidar, desenvolvendo habilidades, obtendo informações e educação que lhes preparem para uma melhor condução da própria saúde.

É essencial capacitar as pessoas para aprender durante toda a vida, preparando-as para as diversas fases da existência, o que inclui o enfrentamento das doenças crônicas e causas externas. Esta tarefa deve ser realizada nas escolas, nos lares, nos locais de trabalho e em outros espaços comunitários. As ações devem se realizar através de organizações educacionais, profissionais, comerciais e voluntárias, bem como pelas instituições governamentais (BRASIL, 2001).

Incentivar ações de promoção da saúde envolvendo adolescentes é um desafio, visto que vivenciam naturalmente experiências que estão associadas à criatividade e inovações. As estratégias de comunicação com esse público precisam ser fundamentadas em ações educativas interessantes, com uma linguagem atual e de fácil compreensão.

Trabalhar a temática na ótica da promoção da saúde, significa também oferecer autonomia e preparar os jovens para serem construtores da própria história e da própria saúde. É preciso quebrar tabus e transformar preconceitos em atitudes

conscientes. O jovem precisa saber de forma clara o que é a droga, como ela atua e o que ela pode ocasionar ao seu corpo e à sua mente, sem, no entanto, ser julgado ou condenado por suas escolhas.

A escola torna-se um ambiente propício para libertar mentes e conduzir os jovens a um estilo de vida saudável, preparando-os para fazer escolhas certas.

De acordo com Moreira, Silva e Andreoli (2006) o atendimento dos estudantes deve ser realizado considerando suas particularidades e contexto sociocultural e condição física, independentemente se fazem ou não uso de substâncias psicoativas.

Estudo realizado no México por Jesus e Ferrari (2008) com o objetivo de conhecer e descrever os fatores de proteção em relação ao consumo de drogas, considerado por professores e adolescentes, identificou na fala dos alunos que os professores não dão exemplo com relação ao uso de drogas, justificando o uso de tabaco pelo mesmo dentro do espaço educacional. Por outro lado, os adolescentes também assumiram que fumavam no ambiente escolar, sendo vários fatores motivantes como rebeldia, o fato de gostar de fumar e a necessidade de fazer parte de algum grupo. Para Jesus e Ferrari (2008, p. 7) “a escola é um ambiente propício para que o estudante adquira habilidades e destrezas que favoreçam sua saúde individual, familiar e social”. Apesar disso, tanto os professores como os alunos entrevistados não identificaram a escola como um ambiente protetor ao uso de drogas.

A atitude de um educador ou de uma escola que consegue incluir, manter ou renovar o seu vínculo com um aluno que faz algum uso de substâncias psicoativas, lícitas ou ilícitas, pode ser o divisor de águas entre a parada na experimentação e a migração para outros usos (MOREIRA; SILVEIRA; ANDREOLI, 2006 p. 8).

Como a escola pode tornar-se um ambiente propício para manutenção da saúde? Estratégias criativas devem ser pensadas a todo instante e para isso é preciso que haja interesse, compromisso e dedicação por parte dos professores, gestores e profissionais da saúde.

Estudo realizado por Gubert *et al.* (2009) sobre a utilização de tecnologias educativas no contexto escolar para falar sobre doenças sexualmente transmissíveis obteve um resultado satisfatório, pois superou o método tradicional de ensino,

criando um espaço de escuta, estimulando a criação de vínculo e aquisição de novos conhecimentos. Segundo os autores, essa vivência gera no adolescente uma oportunidade de repensar suas práticas e atitudes para o futuro.

Experiências semelhantes podem ser utilizadas para trabalhar várias temáticas dentro das instituições de ensino, entre elas o uso de *crack*, visando sensibilizar os adolescentes para uma tomada de decisão consciente a respeito da própria vida.

Moreira, Silveira e Andreoli (2006, p. 3) comentam que existem duas propostas básicas para lidar com a questão do uso de substâncias psicoativas, isto é, a forma tradicional e a redução de danos.

Na abordagem tradicional, a maior concentração de esforços se dá na redução da oferta, ou seja, redução da disponibilidade dos produtos. No campo da redução de demanda, enfatiza-se a transmissão de informações pautadas pelo amedrontamento e apelo moral [...].

A redução de danos é uma política de saúde, na qual a sua abordagem ao uso indevido de drogas tem como proposta respeitar à escolha de uma pessoa em consumir ou não substâncias psicoativas, reduzindo os prejuízos de natureza biológica, social e econômica. O foco está na manutenção da qualidade de vida e na promoção de um estilo de vida mais saudável.

Reduzir danos e promover saúde dentro da escola é possível quando existe o incentivo ao protagonismo e à autonomia dos alunos dentro e fora do espaço escolar. É necessário haver “incentivo às atividades artísticas-culturais e esportivas, de forma adaptada e coerente com o contexto sociocultural da escola, e integrando toda a comunidade escolar” (MOREIRA; SILVEIRA; ANDREOLI, 2006, p. 8). A intenção dessa política não é centralizar no fato de usar ou não usar a droga, mas desenvolver ações de promoção de saúde na comunidade escolar sem nenhuma forma de discriminação, promovendo dessa forma a inclusão social de alunos, professores, familiares e funcionários.

Dessa forma entende-se que a escola é um ambiente adequado ao desenvolvimento de ações educativas por meio de estratégias de educação e saúde, tornando-se mais privilegiado quando existe uma maior articulação entre os setores

saúde e educação. A escola pode acionar a autoestima, o comprometimento social; e incentivar formas de sociabilidade pautadas no respeito e na solidariedade.

# ***PERCURSO METODOLÓGICO***

---

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO

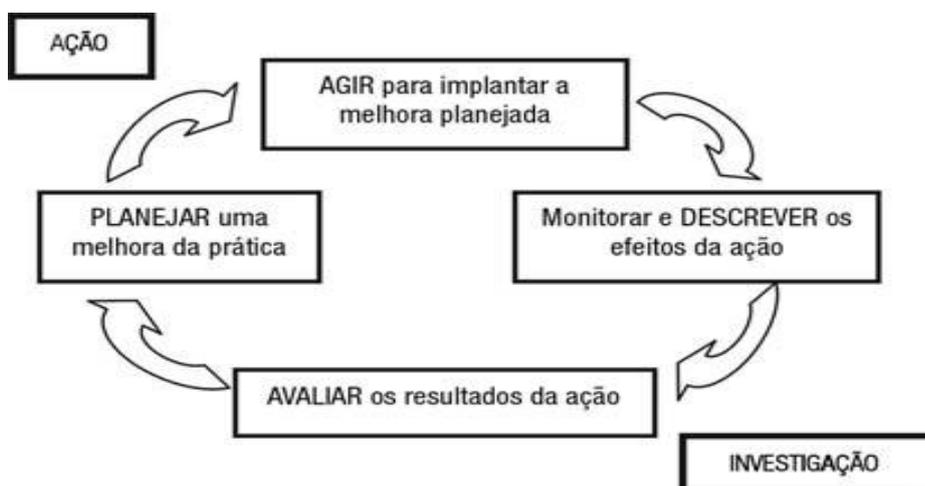
### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa-ação definida por Thiollent (2011) como uma estratégia da pesquisa social, de base empírica e que é desenvolvida a partir de uma relação interativa entre os pesquisadores e participantes a partir de uma estreita associação com a ação ou com a resolução de um problema. De acordo com Gil (2010, p. 42) esse tipo de pesquisa “vem emergindo como uma metodologia para intervenção e mudança no âmbito dos grupos, organizações e comunidades”.

Para Thiollent (2011, p. 23) “O objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou pelo menos esclarecer os problemas da situação observada”. Segundo Koerich *et al.* (2009) possibilita identificar e compreender um determinado problema dentro de uma contextualização social e/ou institucional, fazer um levantamento de dados relativos ao problema, analisar e dar significados dos dados levantados pelos participantes, identificar a necessidade de mudança, traçar o levantamento de possíveis soluções e por fim, unir de modo simultâneo a intervenção e/ou ação para assim, aliar a pesquisa e a ação.

É interessante informar que a pesquisa-ação é parte da investigação-ação considerada como qualquer metodologia que siga o ciclo representado a seguir.

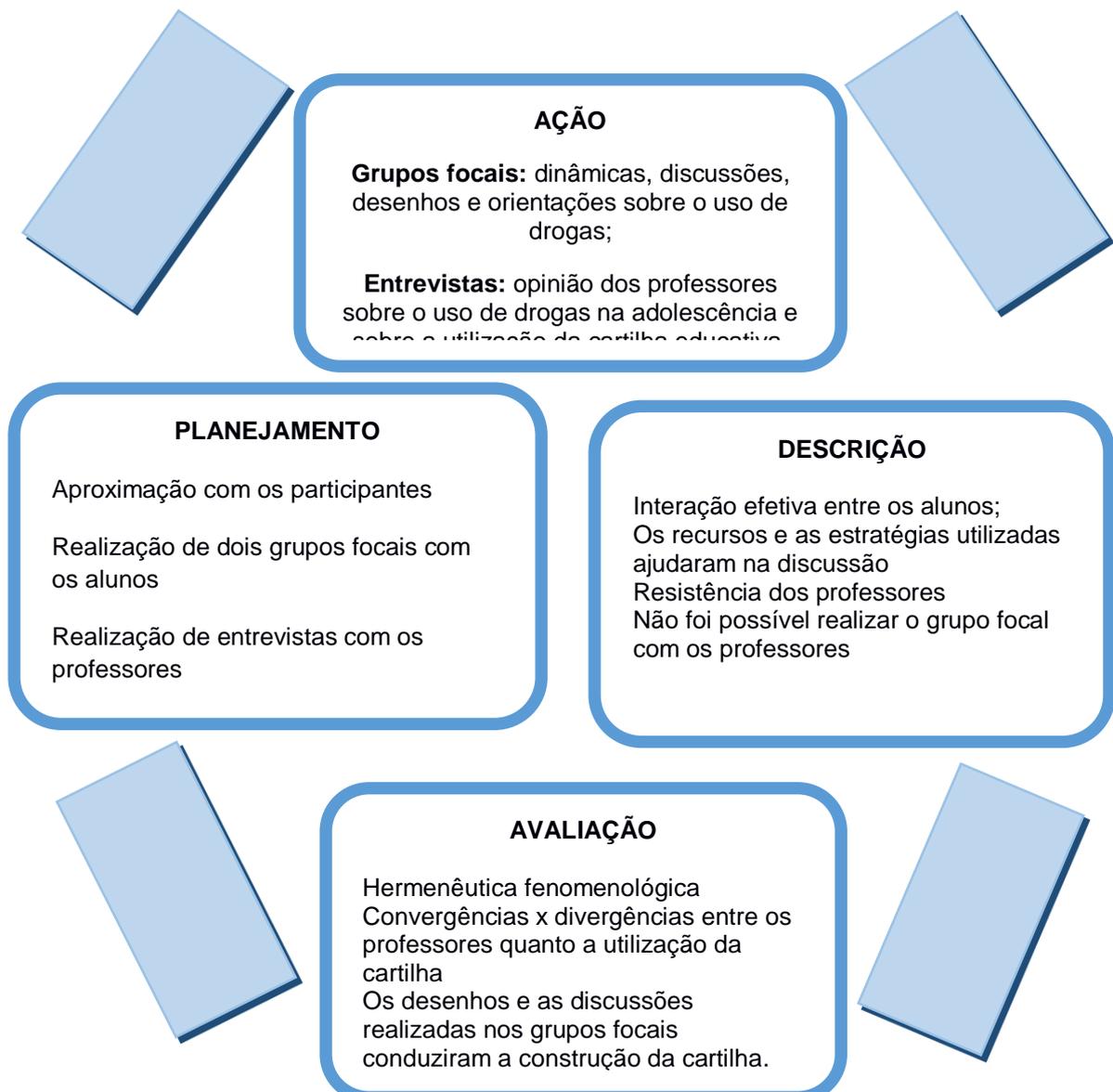
**Figura 1 - Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação**



Segundo Tripp (2005, p. 8) é essencial utilizar a pesquisa-ação para entender as situações, planejar melhoras eficazes e explicar resultados.

A partir do primeiro contato com a escola, investigamos sobre a realidade da instituição e sobre a necessidade de trabalharmos sobre o uso de drogas na adolescência. A partir disso, identificamos como os principais problemas, a falta de informação dos alunos sobre o uso de *crack* e as dificuldades que os professores apresentam para trabalhar sobre a temática em sala de aula. Com essa investigação, traçamos as demais etapas que se caracterizam como a ação da pesquisa:

**Figura 2 – Etapas que caracterizam a pesquisa-ação da pesquisa**



Fonte: Elaborado pela autora

## 4.2 O CENÁRIO E PERÍODO DA PESQUISA

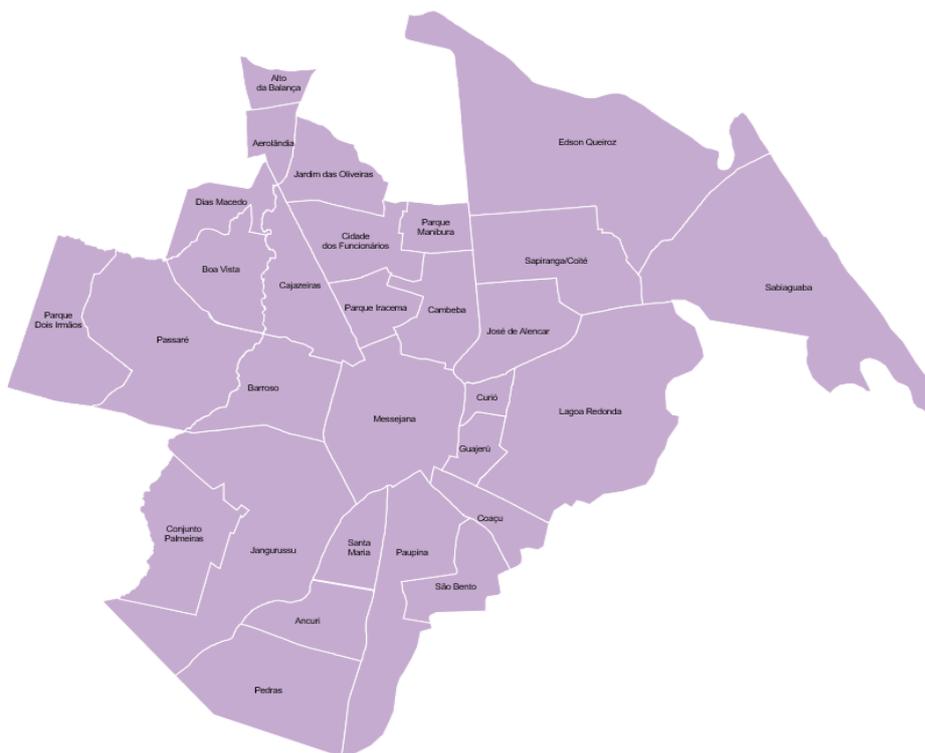
O estudo foi realizado no município de Fortaleza, em uma escola localizada no território da Secretaria Regional (SR) VI por fazer parte de um estudo maior que tem como título “Uso e consumo de *crack* por adolescentes: enfrentamentos e empoderamentos na interface com a cultura, políticas públicas e redes assistenciais e sociais de apoio”, que tem como objetivo compreender o uso do *crack* por adolescentes, os enfrentamentos e a interface com a cultura, as políticas públicas e redes assistências e sociais de apoio, que surgiu a partir da experiência do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental, Família, Práticas de Saúde e Enfermagem (GRUPSFE).

A escola foi selecionada de forma intencional, no entanto, consideramos a sua localização como a maior justificativa de escolha, uma vez que está localizada em um dos bairros mais populosos da Regional VI e concentra uma população considerável de adolescentes de 11 a 19 anos, chegando a um total de 9388 jovens.

A escola selecionada conta com uma população estudantil de 1000 alunos, 30 professores, 2 coordenadores pedagógicos, 1 diretor e 1 vice-diretora. Está localizada em uma região em que há grande comercialização de drogas e, conseqüentemente, um grande número de usuários, incluindo adolescentes.

De um modo geral, as escolas funcionam como espaços para obtenção de conhecimento, crescimento pessoal e cultural, como meio para integração das diversas áreas do saber e, principalmente, para a formação de cidadãos críticos e participativos na sociedade.

A SR VI Possui 81 escolas municipais com 13.094 alunos matriculados no ensino fundamental II e 3.542 alunos estão matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Conta ainda com 25 Unidades Básicas de Saúde (UBS), um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e seis hospitais. Estima-se que esta regional tenha aproximadamente 600 mil habitantes e atende diretamente aos moradores de 29 bairros, correspondentes a 42% do território de Fortaleza.

**Figura 3 – Mapa da Secretaria Regional VI**

Fonte: Fortaleza (2007)

A pesquisa foi realizada no período de junho a outubro de 2015.

### 4.3 ENTRADA EM CAMPO

Inicialmente solicitamos autorização à Secretaria Municipal de Educação (SME) a qual nos entregou num período de 15 dias um documento (ANEXO C) nos permitindo realizar a pesquisa em qualquer escola da Regional VI. Uma visita prévia a esta secretaria, possibilitou a escolha da escola pela localização geográfica, isto é, no Bairro Barroso, tendo em vista a grande circulação de drogas e divulgação pela mídia de frequentes problema nas comunidades desta localização, envolvendo o *crack*. A partir disso, consideramos a riqueza do campo para a construção do estudo quanto a temática drogas na adolescência.

O projeto foi submetido à Plataforma Brasil e após a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Ceará, iniciamos a pesquisa.

Realizamos a primeira visita à escola com o objetivo de apresentar o projeto aos gestores e definirmos as datas para a coleta de dados. Fomos recebidas pela vice-diretora que nos acolheu de forma gentil dando-nos a oportunidade de apresentar a nossa proposta de pesquisa, demonstrando interesse pelo projeto e dando sugestões para a sua aplicabilidade na escola. Conversamos sobre o uso de *crack* na adolescência e a gestora informou ser um problema existente na comunidade e que alguns alunos fazem uso de substâncias psicoativas. Também discutimos sobre as estratégias que a escola utiliza para trabalhar este tema com os estudantes e percebemos uma grade carência de um trabalho educativo consistente e articulado com as redes de sociais de apoio. Foi sugerido que trabalhássemos com os alunos matriculados nas turmas dos 6º anos, em virtude de alguns acontecimentos com o uso problemático de drogas envolvendo estes estudantes.

#### 4.3.1 Caracterização dos participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa 12 alunos e sete professores, caracterizados, quanto aos critérios de inclusão e exclusão, descritos nos quadros a seguir.

**Quadro 1 – Critérios de inclusão e exclusão dos alunos participantes da pesquisa. Fortaleza, 2015**

Participantes	Critérios de inclusão	Critério de exclusão
<b>Alunos</b>	Os alunos que receberam o termo de assentimento e o TCLE, na primeira reunião e que devolveram devidamente assinados pelo representante legal.	Os alunos que não estavam matriculados no 6º ano.

Fonte: Elaborado pela autora

**Quadro 2 – Critérios de inclusão e exclusão dos professores participantes da pesquisa. Fortaleza, 2015**

Participantes	Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
<b>Professores</b>	Os professores que estavam em planejamento pedagógico; Os professores que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido	Os professores que estavam desenvolvendo atividades em sala de aula no dia da coleta de dados.

Fonte: Elaborado pela autora

#### 4.4 COLETA DOS DADOS

Etapa de aplicação dos instrumentos previamente elaborados com a utilização das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta de dados previstos (LAKATOS; MARCONI, 2000).

Esta etapa da pesquisa foi realizada em momentos diferentes com alunos e professores. Desse modo, optamos por realizar com os adolescentes momentos interativos e que despertassem o interesse logo no primeiro contato, sendo planejado atividades com a utilização de vídeo, dinâmicas, grupos focais e desenhos. Nos grupos focais utilizamos questões disparadoras de discussões, que levaram os estudantes a refletirem sobre o uso de *crack* na adolescência, cuidados durante o uso, abordagem sobre o tema na escola e orientações a respeito do uso de *crack*. Além das opiniões verbais, os adolescentes foram estimulados a construir desenhos que representassem suas opiniões sobre o tema.

A coleta de dados junto aos docentes, aconteceu por meio de entrevistas, utilizando um roteiro e a técnica de gravação com autorização prévia do participante. Apêndices (C e D).

##### **4.4.1 O primeiro contato com os estudantes**

Inicialmente, planejamos um encontro estratégico para apresentação do projeto e para facilitar o primeiro contato com os estudantes. Recebemos o apoio das coordenadoras pedagógicas as quais nos ajudaram a reunir os alunos e contamos com a ajuda de um professor que nos auxiliou com o material audiovisual.

Reunimos todos os alunos dos 6º anos na biblioteca para nos apresentarmos e para conversarmos sobre o projeto de uma forma interativa, buscando ouvir as sugestões dos alunos e suas primeiras impressões sobre o projeto de pesquisa. Para promover interação e motivar os estudantes, escolhemos uma cena do filme “Desafiando Gigantes” para tornar o momento mais interessante, e os adolescentes tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões. Após assistirem atentamente a cena do filme, levantamos uma rápida discussão sobre a

adolescência e os seus desafios e oportunizamos para que os alunos se expressassem. Alguns alunos falaram sobre motivação e perseverança, sobre a importância de não desistir diante dos desafios e de ter coragem para enfrentar novas situações.

Após esta rápida discussão, apresentamos o projeto e entregamos o termo de assentimento para aqueles que demonstraram interesse em participar da pesquisa. Os alunos foram orientados a levar o termo para os pais ou responsáveis e explicamos que só poderiam participar da pesquisa aqueles que devolvessem o termo devidamente assinado por seus representantes legais. Este primeiro momento serviu como termômetro, pois percebemos que muitos alunos se recusaram a receber o termo de consentimento e não demonstraram interesse em participar da pesquisa.

Deixamos marcado o próximo encontro e esclarecemos que todos os alunos que devolvessem o termo de assentimento devidamente assinado, poderiam participar dos grupos focais.

#### 4.4.1.1 Grupos Focais com os Estudantes

Optamos pela estratégia de grupo focal, que segundo Barbour (2009), o é utilizado para promover uma discussão entre os participantes e uma maior interação entre eles, em vez de apenas interagir individualmente com o pesquisador, o qual passa a ser moderador da discussão. Segundo Toledo e Jacobi (2013) ao citarem Paulo Freire discorrem sobre “a importância da reflexão crítica dos sujeitos sobre suas práticas e da problematização da realidade para seu enfrentamento” De acordo com Freire (1987, p. 39) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam a si, mediatizados pelo mundo”. Dessa forma, favorecemos um ambiente propício a discussões sobre o tema, através de perguntas norteadoras, estimulando a interação e troca de informações entre os participantes, na intenção de proporcionar a (re) construção de conceitos e interpretação de novas experiências considerando à realidade dentro do seu próprio contexto.

De acordo com Freire (1987) a construção de uma educação verdadeira e libertadora está firmada no diálogo crítico, na tomada de consciência e na construção de perguntas provocadoras de novas respostas.

A técnica de gravação foi utilizada e as falas foram transcritas para uma análise minuciosa, atentando para as convergências e divergências encontradas nos discursos.

Esse levantamento de informações nos grupos focais foi útil para fazer um diagnóstico da real situação vivenciada por alunos e a partir disso atuar com base na reflexão-ação.

#### 4.4.1.2 O Primeiro Grupo Focal

Antes de iniciarmos o primeiro grupo focal nos dirigimos a cada sala do 6º ano, recolhemos o termo de assentimento e o TCLE assinado pelos pais, e convidamos os alunos a irem até à biblioteca, sendo selecionados um total de 12 estudantes como participantes da pesquisa.

Foi possível perceber uma diferente movimentação na escola com a presença da pesquisadora e o quanto os alunos ficaram curiosos em saber o propósito da pesquisa. Muitos se dispuseram a participar, mas como não levaram o termo de assentimento assinado pelo responsável ou não estavam matriculados no 6º ano, não puderam participar do estudo.

Iniciamos o primeiro encontro utilizando uma dinâmica, no intuito de gerar reflexões críticas sobre a tomada de decisões e sobre a importância de se permitir descobrir a importância da motivação e da coragem para fazer escolhas.

Para a realização da dinâmica foram utilizados os seguintes materiais: uma caixa grande, folhas de jornal, chocolates e músicas animadas. O primeiro passo foi colocar jornais amassados dentro da caixa, para que não fosse possível identificar os chocolates que estavam em seu interior, junto com o bilhete: coma o chocolate! Solicitamos que os alunos se organizassem em círculo e logo começamos a explicar a dinâmica, fazendo suspense de forma proposital.

Segurando a caixa, explicamos que dentro dela existia uma ordem a ser cumprida e que iríamos brincar repassando-a uns para os outros, e quem ficasse com ela teria que cumprir a tarefa sem reclamar. Independentemente do que fosse, ninguém poderia ajudar, o desafio deveria ser cumprido apenas por quem ficasse com a caixa. Tentamos causar suspense, para que pensassem na possibilidade de ser uma tarefa muito difícil ou vergonhosa. Ao parar a música, o participante selecionado teve que cumprir a tarefa, mas, antes que abrisse a caixa, comentários foram feitos: Você está preparado? Lembre-se que terá que cumprir com o que for solicitado. Será que você vai conseguir? O adolescente demonstrou resistência e tentou passar a caixa para outro colega, até que tomou coragem para abri-la. O resultado foi um belo sorriso e uma sensação de alívio ao se deparar com uma gostosa surpresa.

A dinâmica teve como objetivos promover interação, deixar os alunos mais à vontade com a pesquisadora e com os colegas, como também instigar os alunos a enfrentar os desafios que rotineiramente podem lhes parecer difíceis, incentivá-los a ter coragem para encarar dificuldades e a vivenciar novas experiências mostrando coragem diante de situações que possam representar perigo ou vergonha.

Dessa forma, foi possível identificar como contribuições da dinâmica que a maioria dos alunos se mostrou mais desinibida o que facilitou a interação no grupo focal e a verbalização de opiniões. Captamos uma riqueza de informações com relação ao uso de drogas na adolescência, no entanto, observamos que os adolescentes possuem pouco conhecimento sobre o assunto e recebem pouca ou nenhuma informação dos familiares ou da escola.

Prosseguimos com grupo focal, realizando questionamentos disparadores de discussões o que promoveu os debates sobre o uso de *crack* na adolescência entre os estudantes, momento rico que foi intermediado pela pesquisadora.

No final do grupo focal, os participantes foram convidados a construir um desenho para que pudessem expressar seus sentimentos e pensamentos a respeito do uso de *crack* na adolescência. Oferecemos papel, lápis de cor e pincéis

e percebemos como esse momento também promoveu interação entre os estudantes.

Em virtude do tempo de duração do encontro e para evitar um maior cansaço por parte dos alunos, sugerimos que iniciássemos o próximo grupo focal (previamente agendado) com a apresentação dos desenhos, o que tornaria o momento mais produtivo.

As experiências vivenciadas nessa etapa, também foram registradas em um diário de campo a fim de compilar as impressões e informações de tudo o que aconteceu em campo. A duração desse grupo foi de 60 minutos.

#### 4.4.1.3 O Segundo Grupo Focal

Iniciamos com as apresentações dos desenhos construídos no primeiro grupo, em que cada aluno teve a oportunidade de explicar suas construções artísticas. Muitos ficaram tímidos neste momento e então, abrimos a discussão para que os adolescentes pudessem fazer interpretações sobre os desenhos uns dos outros.

Para complementar a discussão, levamos para o grupo cartazes com imagens associadas ao uso de drogas, uma vez que percebemos que o conhecimento em volta do *crack* precisava ser aprofundado.

Realizamos uma atividade educativa, explicando a composição e origem do *crack*, as possibilidades de uso, os efeitos, diferença entre os tipos de usuários, falamos sobre as repercussões quanto ao uso e sobre as possibilidades de tratamento. Os participantes também interagiram nesse momento, dando exemplos de familiares e amigos que usam *crack* e falaram sobre as repercussões negativas ocasionadas pelo *crack*.

A duração desse encontro foi de 55 minutos. Infelizmente, vivenciamos algumas barreiras, como a carência de estrutura física, pois as salas eram abertas e a acústica não contribuiu para a qualidade das gravações, ficando muitas falas incompreensíveis.

#### **4.4.2 Entrevistando os professores**

Inicialmente, a intenção era utilizar a estratégia de grupo focal para coletar os dados com os professores, pois consideramos um método rico já que as discussões coletivas abrem espaço para opiniões convergentes e divergentes, ou seja, é na diversidade de pensamentos que realizamos interpretações mais amplas sobre um assunto.

Para a coleta de dados dos professores, optamos pela entrevista em virtude da dificuldade de reuni-los no mesmo horário, pois alguns estavam desenvolvendo atividades com os alunos em sala de aula e outros preferiram continuar com suas atribuições quanto ao planejamento pedagógico. A intenção foi conhecer através de perguntas norteadoras que levavam a uma reflexão sobre o uso de *crack* na adolescência e procurou conhecer entre outras questões as condutas frente a identificação de um aluno usuário de *crack* e as estratégias utilizadas para lidar com esta situação de uso.

A estratégia escolhida para apresentar o projeto para os professores, foi utilizar o momento do intervalo, visto que todos os educadores neste momento, costumam ficar em um mesmo ambiente.

Falamos sobre os objetivos do estudo e apresentamos o termo de consentimento livre e esclarecido, no entanto, percebemos que houve resistência por parte de alguns, uma vez que nem todos chegaram a ler o TCLE e não demonstram nenhum interesse em participar da pesquisa. Como estratégia, nos dirigimos à escola em diferentes dias e conseguimos, com a ajuda da vice-diretora e das coordenadoras pedagógicas, incluir sete professores que se dispuseram a participar da pesquisa.

## 4.5 ANÁLISE DOS DADOS

### 4.5.1 Análise das falas dos alunos e dos professores

A dimensão teórica seguida nessa fase de análise foi atribuída a Paul Ricoeur que se norteia pela hermenêutica fenomenológica, o qual descreve como conduzir a análise de um texto.

A hermenêutica pode ser utilizada como referencial para interpretar e analisar qualquer tipo de texto. Terra *et al.*, (2009) comentam que Paul Ricoeur considera a hermenêutica como um sistema de interpretação utilizado como método para compreender conteúdos e significados manifestos ou ocultos. Nesta pesquisa o objeto de interpretação será o texto, produzido através das transcrições das entrevistas.

Para compreender os textos, produzidos a partir das entrevistas com os professores e dos grupos focais com os alunos, todas as falas foram transcritas na íntegra para prosseguir com a leitura geral (naive), com a finalidade de conhecer o conteúdo produzido.

Para uma compreensão mais profunda, os textos foram organizados a partir das unidades de sentido, interpretando e analisando as vivências subjetivas dos participantes com o objeto de estudo, utilizando-se dos conhecimentos prévios do pesquisador, que assume a função de intérprete procurando analisar o que está implícito nas falas.

### Quadro 3 – Processo de codificação dos temas

<p>Nossos alunos sofrem muito com essa questão. Acho que boa parte deles é... está em contato direto ou indireto, como usuário ou não, mas eles, pode perguntar, eles conhecem alguém que usa ou tem alguém na família que comercializa. Tá muito próximo. É o vizinho. É Então assim, a gente vê esse processo muito forte dentro dessas comunidades.</p>	<p>Mas, eles pode perguntar, eles conhecem alguém que usa ou tem alguém na família que comercializa. Tá muito próximo.</p>	<p>Representações socioculturais do uso de <i>crack</i> na adolescência</p>
<p>Alguém que não [...] que compra droga e não paga, eles vão ter que pagar com a vida. É assim que os outros entendem[...] quem vende. (Grupo focal com adolescente)</p>	<p>Compra droga e não paga, eles vão ter que pagar com a vida.</p>	<p>Circuito de violência gerado pela droga</p>
<p>Matar aula é igual a <i>crack</i>, você usa e nunca mais para</p>	<p>Matar aula é igual a <i>crack</i></p>	<p>Sentidos e significados associados ao uso de <i>crack</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora

#### 4.5.2 O desenho como construção simbólica do objeto de estudo

O desenho infantil é assunto discutido por diversos autores como Piaget, Vygotsky, Luquet, no sentido de elucidar explicações sobre o desenvolvimento intelectual, emocional e criativo da criança. Desse modo, compreendemos que é uma estratégia utilizada para explorar sentimentos e opiniões, já que permite uma interpretação mais profunda do que foi representado graficamente no papel, se configurando como uma forma de comunicação.

Desse modo, consideramos importante informar sobre o sistema de representações de Jean Piaget (1978), definindo suas características fundamentais: representação conceitual – associada à construção de conceitos; abstrata – e a

representação simbólica que se resume à imagem mental, sendo considerada um símbolo concreto.

Segundo Alexandroff (2010, p. 25) ao interpretar esse sistema de representações de Piaget, descreve que “[...] Os símbolos são construídos socialmente, mas mantém uma relação com o objeto que representa, não são arbitrários ou convencionais, isto é, diferentes grupos podem ter símbolos originais que os represente”. Logo, afirma que os desenhos estão próximos dos símbolos.

Nesse sentido, buscou-se interpretar com base nos pressupostos teóricos de Piaget, as construções simbólicas dos adolescentes sobre o uso de *crack*, a partir de perguntas disparadoras de reflexões em um grupo focal. Esse momento, propiciou observações peculiares, uma vez que promoveu a interação entre o grupo, favorecendo a expressão de opiniões pelos adolescentes mais tímidos que não conseguiram se expressar de modo eficaz durante as interações dialógicas, como também, ajudou a validar informações expressas pelos adolescentes que conseguiram interagir durante as discussões. Ainda possibilitou conhecer o contexto socioeconômico, cultural e as crenças dos adolescentes.

De acordo com Alexandroff (2010, p. 27), Piaget afirma que ao desenhar, a criança constrói seus objetos e eventos de uma forma conceitual, o que justifica a relevância de analisar a elaboração do desenho junto às interpretações que são dadas pelos participantes da pesquisa junto ao objeto estudo. O referido autor descreve as fases em que se caracterizam a expressão gráfica, segundo Piaget:

- **Gratujá:** presente até os quatro anos de idade, a criança sente um grande prazer na elaboração do desenho. Nessa fase a figura humana é inexistente e a representação do desenho com o seu sentido real permanece completamente distante.
- **Pré-esquematismo:** estendem-se até os sete anos e a criança começa a refletir e dar significados ao objeto desenhado, associando à realidade.
- **Esquematismo:** surge uma maior consciência do sexo e começa uma autocrítica verbal sobre o objeto desenhado. Há uma maior compreensão do esquema de cores.

- Pseudo-naturalismo: Inicia-se a partir dos dez anos e há um declínio no prazer pelo desenho. O pensamento autocrítico inerente à fase da adolescência, é transferindo para o desenho sugerindo traços da própria personalidade, sentimentos e inquietações. “Nos desenhos aparecem muito o realismo, a objetividade, a profundidade, o espaço subjetivo e o uso consciente da cor. Na figura humana, as características sexuais podem aparecer de forma exageradas”.

A partir dessa compreensão, observa-se que os desenhos dos adolescentes se enquadram na fase do pseudo-naturalismo, descrito por Piaget. Desse modo, buscamos conhecer as representações dos participantes sobre o uso de *crack* na adolescência através do desenho, interpretando seu contexto social.

Nesse sentido, para interpretar o mundo ao seu redor, o indivíduo revela informações muito subjetivas sobre o seu contexto e suas relações interpessoais. (KIM; SUH, 2013).

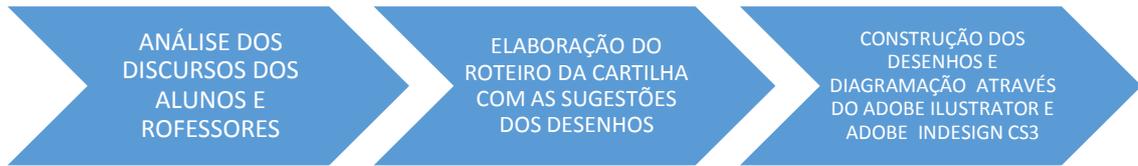
Os desenhos foram escolhidos por sua representatividade dentro da temática, uma vez se destacaram por suas riquezas de detalhes e por suas subjetividades, as quais possibilitaram diversas interpretações associadas aos discursos dos alunos e de seu contexto social.

#### 4.6 CARTILHA EDUCATIVA

A elaboração da tecnologia educativa aconteceu no decorrer da pesquisa, no entanto foi finalizada a partir dos dados obtidos nos grupos focais, percebendo as principais carências de conhecimentos dos alunos sobre o *crack*.

A proposta objetiva construir um instrumento interativo e contextualizado, que possa ser aplicado em sala de aula, oferecendo conhecimento para o professor e para o aluno.

#### **Figura 4 – Etapas da elaboração da tecnologia educativa**



Fonte: Elaborado pela autora

#### **4.7 PRINCÍPIOS ÉTICOS E LEGAIS**

O projeto foi submetido à Plataforma Brasil, sendo aprovado após análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará (UECE) com parecer de nº 1.115.302.

O termo de consentimento livre e esclarecido e o termo de assentimento foram apresentados para aos professores e aos responsáveis pelos alunos antes da coleta de dados, com o intuito de explicar o objetivo da pesquisa e assegurar o anonimato e a ética que envolve a pesquisa com seres humanos, de acordo com a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes ficaram livres quanto a decisão de continuar com a sua participação no estudo.

***ENTRE FALAS E ARTES:  
RESULTADOS E DISCUSSÕES***

---

## 5 ENTRE FALAS E ARTES: RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ADOLESCENTES

Os adolescentes que participaram da entrevista estavam na faixa etária entre dez e 13 anos, moravam com pais e estavam matriculados no 6º ano do ensino fundamental II. Já os professores que aceitaram participar do estudo foram quatro mulheres e três homens, com tempo de atuação na área da educação variável entre um ano e seis meses a 25 anos, que lecionavam as disciplinas de ciências, geografia, pedagogia, língua portuguesa e religião.

Sentimos a necessidade de entrelaçar as falas dos professores, dos alunos e os desenhos que foram produzidos, no intuito de realizar uma análise mais interativa sobre as percepções e as experiências que se fazem no ambiente escolar a respeito do uso de *crack* na adolescência. Com base nessa associação, identificamos duas categorias de análise. Na primeira propomos uma discussão sobre os fenômenos químicos, culturais e sociais que envolvem o uso de *crack* e na segunda categoria discutimos sobre o circuito de violência na percepção de alunos e professores que envolvem o uso problemático do *crack*.

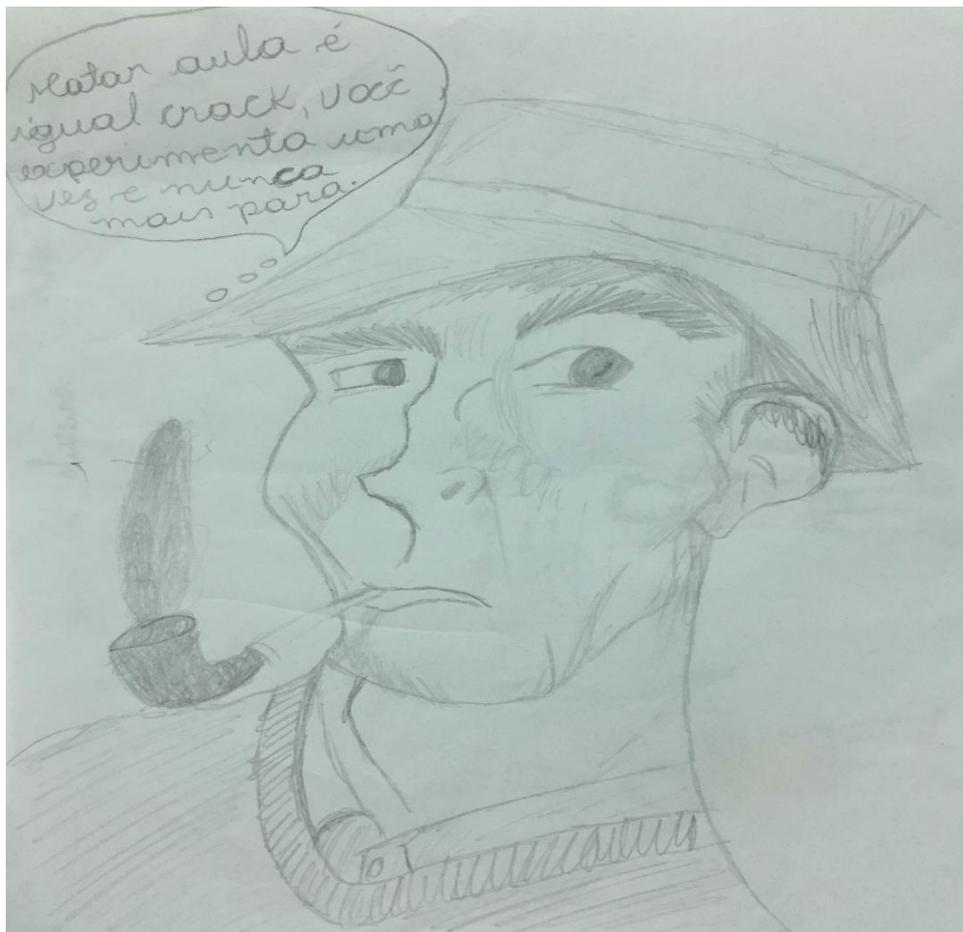
### 5.2 “MATAR AULA É IGUAL A CRACK, VOCÊ EXPERIMENTA UMA VEZ E NUNCA MAIS PARA”

Inicialmente, procuramos compreender o fenômeno do uso de *crack* e que representações são construídas acerca do usuário na percepção dos entrevistados e percebemos que tanto as repercussões positivas quanto as negativas surgiram a partir dos discursos.

As representações positivas interpretadas nas falas e desenhos apontam para a necessidade de afirmação, para o desafio pessoal que representa o *crack*, para o bem-estar e para as sensações agradáveis associadas ao uso. Já as representações negativas foram associadas aos padrões de consumo problemáticos, as mudanças sociais, físicas e comportamentais que causam sofrimento e até mesmo a morte de usuários.

O consumo do *crack* impõe necessariamente riscos e desafios que acabam sendo atrativos a estes adolescentes, ideia que foi retratada no primeiro desenho, com a imagem de um homem que pode representar alguém do seu próprio convívio - um amigo, um familiar ou alguém de sua comunidade ou da sua escola. É interessante observar que o homem representado no desenho, não apresenta as características estereotipadas associadas ao uso de *crack*. Logo podemos pensar que aqueles que têm algum convívio com o usuário de *crack*, tem a capacidade de interpretar as diversas possibilidades de uso, visto que não o percebe apenas quando vivencia problemas em decorrência do uso abusivo da droga, contrastando com o que é visto na maioria das vezes na mídia. O adolescente consegue observar que os padrões de uso também podem ser diferenciados à medida que o usuário consegue manter sua sociabilidade.

**Figura 5 – Elaborada pelos adolescentes estudantes, no primeiro grupo focal.  
Fortaleza-CE 2015**



Fonte: Elaborado pela autora

Com base nas ideias de Goldberg, Yunes e Freitas (2005) e Araújo e Lacerda (2008), o indivíduo é resultado de suas experiências, e assim, não há sentido em interpretar o desenho isoladamente, sem atentar para o contexto do indivíduo. A compreensão do desenho e a sua interpretação de forma isolada do contexto em que foi executado não tem qualquer sentido (SANTOS, 2013).

O simbolismo presente nesse desenho abre espaço para compreender que o adolescente sinaliza que a sua ideia acerca do *crack* vai além dos efeitos físicos e químicos ocasionados pela droga. No entanto, também associa a ideia de que o *crack* é tão desafiador, quanto matar aula, deixando subentender que esses eventos são prazerosos e para vivenciá-los é preciso ter coragem para burlar as normas construídas socialmente.

A imagem do jovem bem vestido, higienizado e de boa aparência contrasta com a imagem que a mídia passa sobre o usuário de *crack*, que na maioria das vezes aparece com aparência descuidada, emagrecido, sujo, maltrapilho.

Em contrapartida, observamos que outros discursos de professores e alunos sobre as representações do uso de *crack*, expressam uma visão estigmatizada por vivenciarem experiências com usuários que enfrentam problemas em decorrência do uso abusivo desta droga ou por receberem da mídia, diariamente, informações daqueles que sofrem com este fenômeno.

Durante as entrevistas e os grupos focais, captamos que as repercussões que envolvem o *crack*, foram muito focadas nas mudanças físicas tanto na percepção dos alunos quanto dos professores. Perda de peso, alterações na arcada dentária, nos padrões de higiene e manutenção dos cuidados básicos fundamentais para a saúde de qualquer indivíduo foram as mudanças mais comentadas. Essas alterações podem ser explicadas em virtude da ação do *crack* no Sistema Nervoso Central (SNC). De um modo geral as drogas alteram o funcionamento do cérebro e provocam mudanças no corpo, na mente e na forma de se relacionar.

O *crack* é formado pela associação da cocaína com outras substâncias como bicarbonato de sódio, amônia e água e é considerada uma droga estimulante, pois aumenta a atividade cerebral, através de uma maior quantidade de

neurotransmissores que ficam na fenda sináptica. De acordo com Alarcon (2015, p. 49) “Quem faz uso frequente e abusivo pode sentir muita ansiedade, insônia, perda de apetite e até mesmo anorexia, suores, calafrios, bruxismo (maxilar rígido) e convulsões”. Dessa forma, observamos esses possíveis danos quando o usuário desenvolve um uso problemático do *crack*, promovendo as alterações que foram identificadas nas seguintes falas:

Muitos deles vão se definhando, vão, vão ficando maltratados por conta da droga. Os dentes deles são um pouco assim como se diz, que eu acho que o *crack* estraga bastante os dentes né?! Então, primeiro sinal de que você vê que uma pessoa tá usando *crack* seria os dentes (PROFESSORA 1).

Vixe doido, Lá na rua tem um menino que tem o corpo cheio de ferida, por causa das drogas (ADOLESCENTE DO GRUPO FOCAL).

Fica magro. Sente muita fome quando usa (ADOLESCENTE DO GRUPO FOCAL).

Conforme o relato de um dos professores entrevistados, observamos que a forma de perceber o aluno usuário de drogas ou de *crack* é ancorada na visão estereotipada de que altera a forma de olhar, de se comportar, modifica a concentração, a forma de falar. Por outro lado, precisamos compreender que essas alterações por si só, não justificam a associação com o uso de *crack*, mas abre espaço para uma reflexão mais profunda sobre o contexto em que esse aluno está inserido. Com base nessas interpretações, precisamos refletir se essa percepção é justificada com um acompanhamento atento e cuidadoso aos alunos, pois outras situações que envolvem problemas emocionais, transformações em virtude do próprio período da adolescência, com alterações hormonais e de humor, carências nutricionais, possíveis transtornos como déficit de atenção ou até mesmo uma depressão, podem justificar essas mudanças que foram percebidas pelo professor.

[...] Já teve casos de alunos que já veio aqui, agora eu não sei se ao certo se é pedra, *crack*, mas já tive casos de alunos aqui que a gente nota, por exemplo, que a criança emagreceu consideravelmente. Deixa de fazer as atividades. Não se centra. Não consegue se centrar em nenhuma atividade [...] O modo de falar é diferente. A atenção é diferenciada. O olhar é diferente. Parece que a pessoa atravessa você conversando. Eu acho meio desesperador, comparado, em comparação as outras drogas. Eu tenho amigos que são usuários de maconha, de cocaína, mas que levam a vida praticamente normal. Tem seus empregos e tudo, e tudo mais, mas eu sei que usa. Oi? Não. Com *crack* eu não conheço nenhum usuário de *crack* que tenha essa [...] essa relação (PROFESSOR 3).

De acordo com Acselrad (2015), fazer o uso desorganizado de qualquer substância química, provoca malefícios ao organismo. No entanto, não podemos considerar que os efeitos do *crack* acontecem de uma mesma forma em todos os usuários. É importante atentar para o contexto de quem usa, bem como, para as estruturas físicas, psicológicas e sociais.

Dessa forma, compreendemos que a percepção ao aluno deve ser construída com um olhar sensível aos reais problemas potenciais que esse aluno pode vir a apresentar, atentando para outras possibilidades de sofrimento que os adolescentes podem vivenciar como alterações na autoestima, nas relações sociais e familiares que podem ou não, estar associadas ao uso problemático do *crack*.

Em contrapartida, quando uma determinada droga passa a ser a principal preocupação de uma pessoa e sua vida gira exclusivamente em torno dessa motivação, tornando-se o seu principal interesse, pode haver importantes prejuízos físicos e mentais.

Na visão de alguns adolescentes o *crack* é compreendido como algo representa o vício, quando falam que quem usa não consegue parar, ou seja, apresentam uma falta de controle em seus padrões de consumo. Também é compreendido como algo que ocasiona mudanças comportamentais, na sensopercepção ou no humor, quando relatam que uma pessoa pode ficar violenta, poder “ver coisas” ou sentir depressão.

Suas compreensões sobre esse fenômeno, a saber, intrinsecamente ligado à condição humana, fundamenta-se em uma conotação negativa que está associada à uma explicação superficial a partir de alterações biológicas, uma vez que deixam claro que pode causar dependência (vício) e provocar aborto. A fala de uma adolescente quando diz que o uso de crack está associado ao aborto, implicitamente nos faz refletir que o uso dessa droga não é uma prática apenas do gênero masculino e que as mulheres que fazem uso abusivo no período gestacional podem sofrer repercussões negativas nesse sentido. Alguns estudos comentam que as mulheres grávidas que usam cocaína/*crack* têm uma maior chance de abortar quando comparadas com mulheres não usuárias e que as chances de aborto ainda são maiores no primeiro trimestre da gravidez (FAJEMIROKUN-ODUDEYI; LINDOW, 2004); A ação vasoconstrictora pode provocar alterações no fluxo

sanguíneo uteroplacentário e pode provocar aborto espontâneo em virtude da acidose, hipóxia ou isquemia (HOCKENBERRY; WILSON, 2011).

Interpretamos, de um modo geral, que o discurso associado ao uso de *crack* construído pelos alunos, expressa uma visão estigmatizada por vivenciarem experiências com usuários que enfrentam problemas em decorrência do uso abusivo desta droga ou por receberem da mídia, diariamente, informações daqueles que sofrem com este fenômeno.

Porque quer fumar direto e não quer parar (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Ele fica ignorante, com raiva da pessoa. Quebra tudo dentro de casa. Entra em depressão. É assim... Fica vendo coisas, querendo se matar (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

É um perigo, porque aborta criança. (Grupo focal com adolescentes)

É uma doença (sorriu). Não sei explicar não. Também é um vício. (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Faria Filho *et al.* (2015) sobre concepções sobre drogas por adolescentes. Os autores comentam que os significados que os adolescentes constroem em relação à droga possivelmente podem estar associados a reproduções históricas e socialmente construídas, ao ouvirem relatos de pessoas do próprio convívio ou da mídia. Assim reproduzem um conceito estabelecido socialmente, e desse modo, não conseguem construir reflexões mais profundas sobre o assunto.

Por outro lado, percebemos que existem algumas compreensões divergentes, formadas em torno do fenômeno do uso de *crack*. O relato de um dos professores entrevistados, chamou atenção por perceber que um aluno que fazia uso dessa droga, conseguia manter suas relações laborais e não apresentava um comportamento violento, sendo considerado uma pessoa tranquila.

Dessa forma, torna-se relevante discutir que nem todas as pessoas que usam uma determinada droga, sofrem com os prejuízos negativos que ela pode ocasionar e nem todas se tornam dependentes do *crack*, pois de acordo com Acserald (2015) para ocorrer o uso problemático, o conjunto de alguns fatores precisam ser levados em consideração como a personalidade de quem usa, a droga escolhida, o

meio e o momento em que se vive. Na fala descrita a seguir, podemos interpretar que o aluno conseguia manter o seu padrão de consumo controlado e tinha condições financeiras para custear a própria droga, sua personalidade, o seu contexto e suas motivações também podem explicar a forma de consumir a sua droga de escolha.

Eu já tive um aluno há uns sete anos, funcionário da Mc Donald's, que usava drogas pesadas e era um aluno tranquilo em sala, agora não tinha um bom aprendizado, mas era tranquilo, não mexia com ninguém. Outra professora falou: olha, ele é usuário de crack, como é que pode? Ele trabalha e tudo e é um aluno que não é violento (PROFESSOR 4).

Nesse estudo foi possível perceber relatos frequentes dos adolescentes acerca do uso desorganizado de *crack* por pessoas próximas, isto é, tios, vizinhos ou amigos. A aproximação desses adolescentes com o *crack*, promove grande inquietação, pois percebemos o quanto estão expostos as drogas em seu ambiente social e familiar. Logo, interpretamos que a percepção do uso de *crack* é construída sobretudo, a partir de experiências com a própria família ou pessoas do mesmo bairro. As representações sobre o sofrimento em decorrência do uso, a necessidade de praticar roubos, de vender objetos de casa ou a relação com o tráfico se fizeram presentes nas falas nos grupos focais e representam as consequências da desorganização do uso do *crack*, culminando com uma desestruturação complexa por parte do usuário.

Meu tio [usuário]. Ele diz que é pra eu ficar longe disso, que é pra eu procurar o estudo que isso daí é uma coisa que não tem cura. Que a cura pra ele é a morte. Porque ele não consegue parar (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Com o amigo do meu irmão [usuário] [...] ele fica vendo coisas. Roubando. Pedindo dinheiro. Vendendo maconha. Vendendo as coisas de dentro de casa (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES)

Tia eu, eu não vou mentir [...] eu tenho um ti, né?, Que é viciado, faz muita pena dele, porque ele é bem sequinho, sequinho em vida. Eu sou assim, porque eu sou doente sabe, mas, ele, ele é porque ele fuma drogas. Acaba com as coisas da minha vó. Aí coitada da minha vó. Aí quem sofre é ela, né?! Aí ela tenta comprar e ele fica revendendo, pra comprar as drogas (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

E [...] essa questão da droga é complicada no sentido de que é muito acessível para eles. É... diante de todo um pensamento que se tem de escola pública e periferia, o bandido é o modelo a ser seguido [...] É uma coisa que está bem inserida sabe, na sociedade?. Nossos alunos sofrem muito com essa questão. Acho que boa parte deles é... está em contato direto ou indireto, como usuário ou não, mas eles, pode perguntar, eles conhecem alguém que usa ou tem alguém na família que comercializa. Tá muito próximo. É o vizinho. É então assim, a gente vê esse processo muito forte dentro dessas comunidades (PROFESSOR 6).

De acordo com Faria Filho *et al.* (2015) “As cenas comuns e diárias de usuários de drogas em qualquer espaço não podem ser banalizadas e consideradas sem importância social. Logo, questionamos como essa realidade pode exercer impactos positivos ou não nestes adolescentes?”

Estudo realizado por Bittencourt, França e Godim (2015), em seu estudo sobre a adolescência e os fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas constatou que entre os 229 adolescentes pesquisados, muitos afirmaram que conviviam com familiares que utilizavam algum tipo de droga (56,8%), e que esse fato trouxe repercussões negativas na vida escolar desses jovens.

A partir disso, percebemos que pode haver um sofrimento instalado socialmente para aqueles que não tem a mínima assistência pelas políticas públicas quanto ao uso problemático de drogas, e que os jovens, nem sempre usuários de drogas, convivem com pessoas em situação de adoecimento e conseqüentemente, também podem sofrer com esse processo.

Refletimos na perspectiva de que não é o adolescente que absorve o *crack*, mas o *crack* acaba absorvendo as significações construídas socialmente sejam positivas, sejam negativas. Os adolescentes consideram o uso perigoso devido a vários exemplos que vem nas suas realidades sociais. Pessoas se desorganizando, por causa do uso, pessoas brigando, pessoas em conflitos de diversas ordens.

Durante as discussões nos grupos focais, foram levantadas as questões sobre as formas de uso e sobre os fatores que podem contribuir para o início do uso de *crack* na adolescência.

Observamos que a representação do cachimbo na figura 1, supõe certo conhecimento do adolescente sobre as possíveis formas de utilização do *crack*. Outras interpretações sobre essa representação gráfica, sugerem sentimentos de apreensão, desconfiança, uma vez que usar drogas não é aceito socialmente e configura-se como evento proibido. Logo, esses sentimentos podem estar associados a aceitação ou não de outras pessoas quanto ao seu padrão de consumo.

Os discursos dos adolescentes complementam essa observação quanto as formas de utilização da droga/*crack*, revelando por alguns alunos, conhecimentos equivocados ao relatarem que pode ser cheirado na lata, uma vez que o *crack* é fumado na lata.

O fato de utilizar o *crack* na lata requer uma maior educação em saúde no sentido de reduzir danos. As informações que eles adolescentes devem receber, podem ser repassadas aos seus familiares ou amigos usuários, já que estão inseridos num contexto com altos níveis de consumo de drogas.

Essa rede social pode disseminar conhecimentos sobre um uso com menos problemas, pois à medida que a lata é compartilhada, aumenta-se as chances de disseminação de agentes infecciosos, quando há ferimentos e sangramentos nas mucosas.

Já vi usar num vidrinho de colírio (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Eu já vi cheirando pó. Na lata, já vi cheirando na lata (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Ele colocou o pó no nariz e depois soprou (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Já vi enrolando a maconha no papel e fumando (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Quanto ao início do uso de *crack*, percebemos nas falas de alunos e professores que alguns fatores atuam como facilitadores de aproximação à droga como, por exemplo, a desorganização familiar, as amizades e o próprio meio social.

É na adolescência que, na maioria dos casos, acontece o primeiro contato com a droga em virtude de ser uma fase complexa que envolve mudanças biopsicossociais. “Nessa fase, o conceito de interação grupal é perceptível, e o adolescente busca pertencer a um grupo com o qual se identifica”. Dessa forma será capaz de assumir comportamentos para ser aceito no grupo e deixará ser influenciado pelos novos amigos (CAVALCATE; ALVES; BARROSO, 2008, p. 556). Este fato pode culminar com o uso precoce do *crack*, em que o adolescente não tem capacidade de construir reflexões críticas sobre suas próprias decisões. Assim,

percebemos que os amigos e os familiares são as maiores influências para o primeiro contato com o *crack*, segundo as falas de professores e alunos.

Pelas amizades, tia [...]. vai chegando assim numas amizades velhas perigosas aí oferecem né [...] (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

As más amizades, tia! Tem a família que também usa (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Ele [tio] era da igreja e depois se afastou e foi pra esse mundo e conheceu vários amigos e foi se aproximando e começou a fumar, usar *crack*, cheirar pó, essas coisas assim [...] aí ele ainda tá. Eu acho que ele tá sofrendo, porque sabe que isso é errado, mas, ele continua (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

É [...] assim na minha opinião o uso né?!, dessas drogas, do *crack*, eu creio que comece muito pela desestrutura familiar, não é?! Porque assim, os pais que não tem muito cuidado com os filhos ou que os filhos são muito largados né?! A gente vê que tem mais essa possibilidade de usarem drogas, de usarem o *crack* e assim eles começam mesmo nesse experimento e com um papo com outros colegas e tudo, na rua mesmo, em alguma praça. Entendeu? Infelizmente né?! Essas amizades que não levam ao bem, ao caminho do bem, dão início também ao alavancam ao uso de drogas (PROFESSOR 5).

Os autores ainda consideram que nessa fase, que os conflitos familiares são mais frequentes, pois os jovens passam a dar maior importância a conquistarem seu espaço social através da aceitação em seu grupo de amigos. Além disso, passam a desejar as experiências da fase adulta, como a busca pela independência, e isso favorece que os pais percam um pouco do seu poder de controle sobre os filhos. Quando esse contato com a droga acontece dentro do próprio lar, pode haver uma maior aceitação de uso por parte dos familiares, mesmo em detrimento das consequências que podem ser ocasionadas aos adolescentes. Logo, consideramos que a desorganização familiar caracterizada pelo uso de drogas por seus integrantes, favorecem a aproximação do jovem ao *crack*, tornando-se um fator de risco para esse fenômeno.

É [...] tem a família que usa e a criança vê e tenta pegar. Ah, tá dentro de casa, aí acaba enrolando um também, aí pra sair que é difícil? (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

É uma coisa que está bem inserida sabe? na sociedade. Nossos alunos sofrem muito com essa questão. Acho que boa parte deles é [...] está em contato direto ou indireto, como usuário ou não, mas eles, pode perguntar, eles conhecem alguém que usa ou tem alguém na família que comercializa. Tá muito próximo. É o vizinho. É [...] Então assim, a gente vê esse processo muito forte dentro dessas comunidades (PROFESSOR 5).

Mas, eu acredito que o que mais influencia é no caso são os pais, ou os pais usuários ou até mesmo os pais ausentes. Que aí o que vai educá-los vai ser a rua e às vezes o entorno que eles vivem tem a droga e eles acabam sendo influenciados pelo entorno que eles vivem né? Com certeza, fica bem mais fácil o acesso (PROFESSOR 2).

Em contrapartida, é importante refletir sobre os fatores de proteção quanto às práticas parentais, pois quando os pais compreendem a influência de suas funções na vida dos filhos, como o papel de cuidado, proteção, orientação, liderança, respeito e limite, tais ações podem gerar impactos positivos aos adolescentes, culminando com a falta de interesse quanto ao uso de *crack*. De acordo com Paiva e Ranzoni (2009) o reforço dos vínculos familiares, ajudam aos pais a adotarem posturas mais benéficas para com os filhos, a partir de práticas mais positivas de socialização com resultados mais eficazes. A compreensão do papel das práticas parentais pode contribuir para que pais estejam mais conscientes do seu papel na consolidação de crenças, valores e atitudes contrárias a comportamentos prejudiciais à saúde e ao desenvolvimento mental de seus filhos.

Pesquisa realizada por Costa *et al.* (2012) com adolescentes de uma área de risco de Fortaleza, constatou que entre os fatores de risco para o uso de drogas entre os jovens, que uma família ausente e que não exerce sua função educadora cria condições que facilita o uso de drogas lícitas ou ilícitas entre seus membros, em contrapartida comentaram que a “capacidade de diálogo entre pais e filhos, apoio a estes em momentos difíceis, e maior atuação sobre sua rotina” são fatores que promovem proteção ao uso de drogas.

O estudo desenvolvido por Paiva e Ranzoni (2009) identifica outros fatores de proteção no ambiente familiar que se caracterizam como apoio, suporte e capacidade de compreensão entre os seus membros. Essa relação é mais positiva quando há um menor padrão do consumo de drogas pelos familiares. “Os resultados indicam ainda que o afeto e o interesse mostrados pelos pais, o tempo que passam com seus filhos e a firmeza de medidas disciplinares mantêm a relação com a abstenção do uso de drogas”.

Apesar disso, o uso do *crack* também faz parte de como estes adolescentes conseguem amizades, pois, segundo eles é por meio dos amigos que se inicia o consumo.

Essa realidade nos faz pensar na nossa necessidade intrínseca de nos relacionarmos uns com os outros, isto é, se somos seres sociais e precisamos de instrumentos que nos possibilite sociabilidade. Se os jovens sentirem falta de instrumentos que promovam essa comunhão social conseqüentemente, eles encontrarão o que está disponível socialmente, como por exemplo, o *crack*.

O meio e o contexto em que os adolescentes vivem também exercem influência sobre suas escolhas e comportamentos, quando a acessibilidade à droga é fácil e quando acham natural essa relação com o *crack*, já que reproduzem esse tipo comportamento que, muitas vezes, é vivenciando dentro da própria casa. Enquanto os jovens da classe social média e alta, tem acesso a atividades de lazer, a uma escola que promove orientações sobre o uso de drogas e que acompanham de perto as atividades educativas, que tem condições de viajar, praticar esportes, que tem acesso à uma saúde de qualidade e uma família estruturada, percebemos que os jovens de uma classe baixa vivem em situação de pobreza sem condições de acessar as atividades de lazer, educação e saúde de qualidade. Vivem à margem da sociedade e sentem a necessidade de se afirmar em seu próprio contexto.

Em virtude dessa desigualdade social, é a droga que proporciona o acesso a esses bens de consumo e promove o status que muitos adolescentes desejam e dessa forma, o *crack* acaba sendo interpretado como o meio de socialização e de reafirmação em seu contexto cultural. Em contrapartida, o uso de *crack* pode ser negado em decorrência de todo o preconceito que foi criado em torno do usuário. É mais fácil assumir o uso de bebida alcoólica ou maconha, que são substâncias mais aceitas socialmente, pois na visão de adolescentes e professores é uma droga pesada e que gera grandes repercussões na vida dos adolescentes.

Eles não têm essa noção não. Pelo fato de a comunidade ser inserida num contexto social bem complexo, onde as drogas permeiam todas as nuances sociais deles, eles encaram como uma coisa normal. Eu vejo isso, a droga é normal [...] eu já ouvi: fulano é avião, professor (PROFESSOR 4).

Eles acham legal [...] É status, é importante. É normal. O natural para eles é usar muitas vezes, na maioria das vezes, encobrir que usa (PROFESSOR 6).

Nos grupos focais identificamos que os adolescentes também relacionam o *crack* com os poderes espirituais ligados ao mal, ou seja, as forças demoníacas

são relatadas como a causa que torna o usuário um consumidor excessivo de *crack* e a prática religiosa pode proteger e ajudar o usuário a se livrar do “vício”.

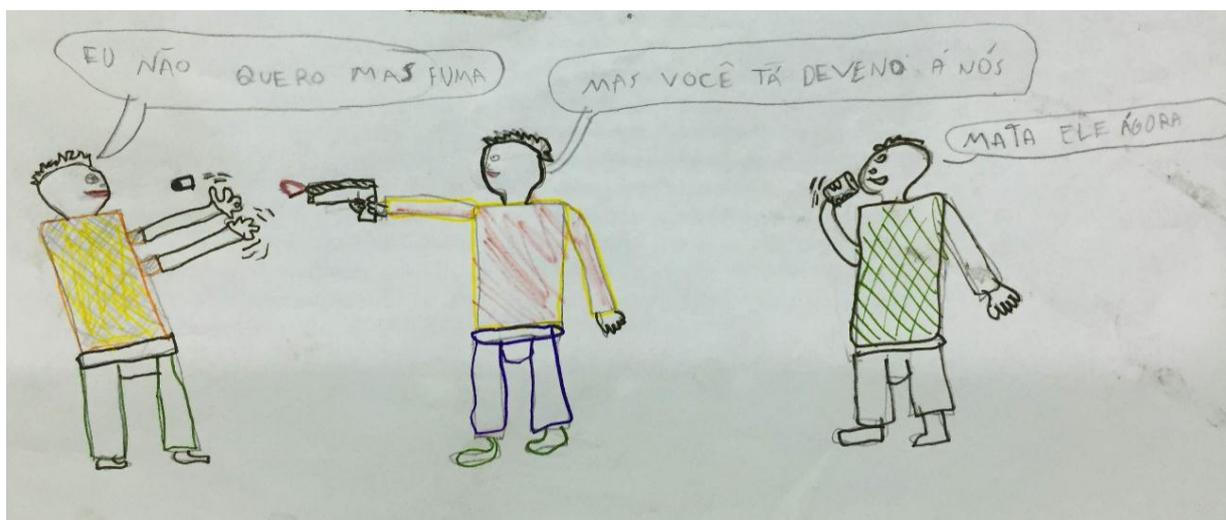
Tia, tem uma vizinha lá perto de casa, que o marido [usuário] dela vendia as coisas de dentro de casa e aí quando ela voltava não tinha mais nada. Aí ele foi pra clínica e se recuperou. Ele está indo pra igreja (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Tem um homem que mora lá perto de mim e quando ele usa, ele fica virando as coisas de cabeça para baixo. Ele vira a cama, vira o guarda roupa, quebra a janela. Sei La, tia. Isso aí não é ele que faz, é o mal que está dentro dele (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

### 5.3 O CIRCUITO DE VIOLÊNCIA DO CONSUMO DO *CRACK*, NA COMPREENSÃO DE PROFESSORES E ALUNOS

Os discursos dos adolescentes, ao comentarem sobre o circuito de violência atrelado ao uso de *crack*, trouxeram para discussão a ideia de que quem usa essa substância pode apresentar como desfechos secundários a cadeia e a morte, como também estão explícitos da representação gráfica a seguir.

**Figura 6 – Elaborada pelos adolescentes estudantes, no primeiro grupo focal, Fortaleza-CE, 2015**



Fonte: Elaborada pela autora

O presente desenho foi construído por um adolescente de 12 anos, que procurou representar de modo objetivo e real, as repercussões sociais do uso problemático de drogas e naturalmente se preocupou em “dar vida” ao desenho através das cores, o que caracteriza a fase pseudo naturalista de Piaget.

De um modo geral, o desenho é uma arte e também revela situações vivenciadas ou concepções construídas por meio das relações sociais e do contexto cultural das pessoas. Rico em detalhes, a representação gráfica torna explícita a cena de violência, com arma de fogo, deixando o usuário sem escolhas e sem direito de defesa. O desenho permite que interpretações diferentes sejam feitas, em volta do adolescente que tem o contato com a droga.

Quanto a análise deste desenho, três pontos merecem ser destacados. Primeiro, identificamos de um lado o usuário que utilizou a droga de forma abusiva e se envolveu com dívidas financeiras, tendo que pagar com a própria vida. Segundo, o adolescente pode assumir o papel de intermediador entre o traficante e o usuário, se envolvendo em situações de risco e de violência como representadas no desenho, almejando um dia se tornarem como os traficantes de sucesso. Por fim, estão os traficantes que se configuram como líderes que impõem, contraditoriamente, medo e respeito às pessoas de suas comunidades, e, no entanto, não estão dispostos a perdoar dívidas dos usuários.

Estas possibilidades de relação com a droga, são muito complexas e questionamos como este adolescente, de apenas 12 anos, de que forma o aluno conseguiu construir suas percepções acerca do uso de *crack*? Até que ponto a família, a escola e a mídia tem contribuído para estas construções e quais impactos tem gerado nestes adolescentes? A fala descrita a seguir corrobora com o desenho quando diz que é uma roubada e que culmina com a morte.

Percebemos que a “violência”, a “morte” e “cadeia” foram unidade de significação para conduzir esta categoria.

[...] tem pessoas que não sabem o que o *crack* pode fazer. Aí eles se metem numa roubada e não sabem como sair dela. Quem entra não sai mais. Aí já sabem o ditado, né?! Aí quando é depois vão entrando querendo sair, querendo sair, aí quando é depois só dá morte (PROFESSOR 4).

[...] porque com isso pode ir pro cemitério ou pra cadeia. Isso aí só leva pra morte ou outra coisa que eu esqueci (ADOLESCENTE GRUPO FOCAL).

Refletimos sobre a relação que existe entre o *crack* e sua comercialização na sociedade atual, uma vez que envolve a realidade vivenciada por muitos adolescentes de diversas classes sociais e levantamos possíveis interpretações de

que os personagens do primeiro desenho podem ser adolescentes que já vivenciam em suas comunidades a relação com a comercialização do *crack* e a relação com o uso desorganizado desta droga.

Desse modo, principalmente nas comunidades mais carentes, o *crack* é visto como um produto valioso capaz de promover a partir de sua troca, o acesso aos bens de consumo muito desejados na sociedade capitalista em que vivemos, como roupas de grife, adornos de ouro, carros, celulares entre outros. Além disso, percebemos o status adquirido por traficantes dentro de suas comunidades, pois são vistos como pessoas que tem prestígio por morar na melhor casa, ter a mulher mais bonita, promover festas em datas comemorativas, e tornam-se exemplos a serem seguidos por pessoas de suas comunidades.

Quando a relação entre a necessidade de usar e a falta de condições financeiras para manter o consumo de *crack* assume uma característica de desorganização, o usuário perde o controle e acaba tendo que cumprir com o seu compromisso financeiro diante do traficante, e este, para não perder a moral construída em torno do seu papel social precisa cobrar essa dívida nem que seja tirando o direito de viver do usuário devedor.

Estes problemas de ordem social, podem ser explicados pelas mudanças históricas quanto as representações que o *crack* tem assumido na sociedade. De acordo com Rocha (2013) podemos compreender que a droga passou a ter novas significações, uma vez que o seu papel social e cultural tem sido modificado ao longo do tempo. Suas representações históricas foram sendo modificadas à medida que foi deixando de ser vista como um produto natural com um uso particularizado, transformando-se em droga-mercadoria, passando a ter, portanto, valor de troca dentro da sociedade burguesa.

Em contrapartida, os adolescentes expressam através dos desenhos que há uma representação prazerosa em torno da droga. O que faz um indivíduo manter o consumo de droga quando a sua própria vida está em perigo? Os professores também reconhecem que o *crack* se torna atrativo aos adolescentes quando o prazer durante o uso é levado em consideração.

Agora tem que ter um tino, um tato para falar sobre isso. Desmitificar a ideia, de que a droga a... a droga é ruim, que ela me faz mal. Faz mal ao longo do tempo, ao longo do prazo, essas coisas todas que a gente já sabe. Mas, a pessoa que usa, se ela usa de novo é porque aquilo ali deu, deu prazer, igual a bebida. Igual ao álcool, igual ao fumo, igual ao cigarro [...] qualquer coisa. É como o sexo. Você sente prazer com o sexo, você vai fazer de novo. Droga é a mesma coisa. Só que a droga vai acabar com o seu organismo. Tem que entender isso. É o final da história que está ruim (PROFESSOR 7).

Sabemos que o *crack* é uma droga absorvida rapidamente no organismo, causando sensações de prazer extremo e por isso, pode levar o usuário a se tornar dependente.

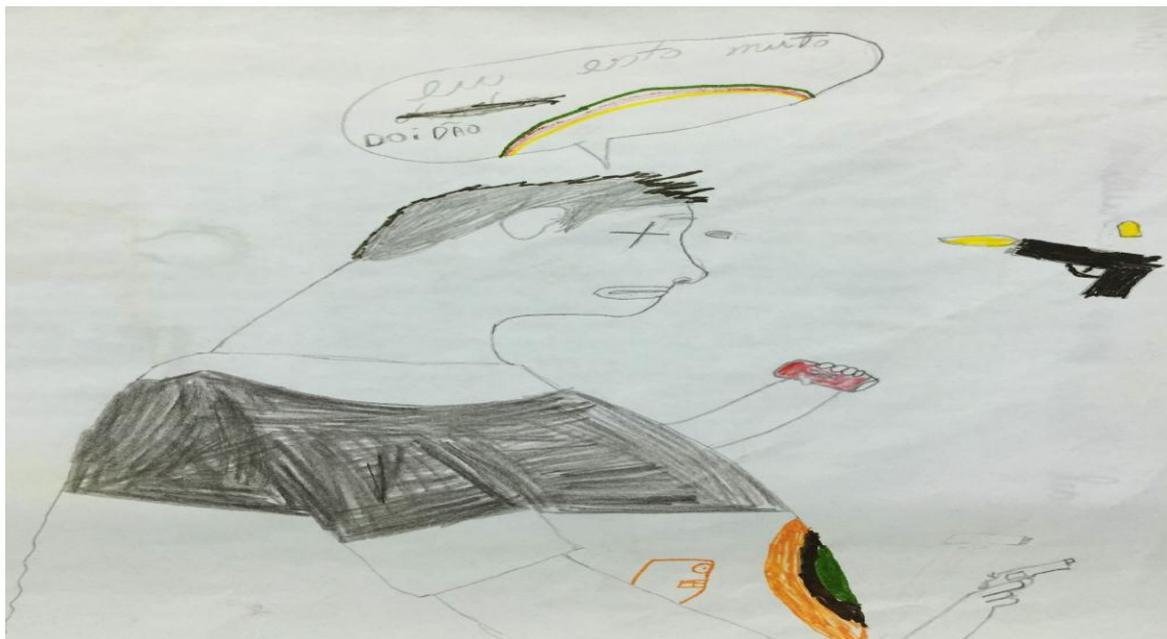
A representação social do desafio, do bem-estar que o *crack* pode promover, também está associada à ideia do proibicionismo. Se o **crack** fosse legalizado, despertaria tanto interesse nos adolescentes? Por outro lado, questionamos se a legalização não aumentaria os níveis de consumo do *crack*?

A necessidade que o ser humano tem de buscar felicidade a partir de novas experiências podem explicar que apesar de todos os aspectos negativos que envolvem o *crack*, os usuários estão dispostos dentro de sua subjetividade, a continuar vivendo nessa relação entre os danos e os benefícios, entre as alegrias e as tristezas que estão associadas ao uso do *crack*. Esta droga, pode ainda ser o meio de prazer que encontram diante da pobreza extrema e das dificuldades sociais que enfrentam, tornando símbolo de socialização e de fuga, uma vez que são excluídos da sociedade em detrimento do uso ou de sua condição social.

Enquanto que há um referencial ambíguo de prazer e de representação negativa do *crack*, que tende a impulsionar o seu uso, além de aspectos relacionados aos sentidos idiossincráticos construídos a partir da experiência do uso desta substância existe também uma destituição total deste sentido por parte de alguns usuários. Isto nos possibilita mais uma vez reforçar que a problemática que surge desta relação do homem com a droga se faz a partir de diversos condicionantes que se coadunam na construção de uma experiência seja ela positiva ou negativa. Seja ela positiva num determinado momento, e podendo vir a ser negativa em outro momento da vida dos indivíduos na relação com a droga (QUINDERÉ, 2013, p. 149).

Essas discussões também estão explícitas através das interpretações que realizamos em torno do Desenho 3.

**Figura 7 – Elaborada pelos adolescentes estudantes, no primeiro grupo focal, Fortaleza CE, 2015**



Fonte: Elaborado pela autora

Compreendemos que os adolescentes ainda associam o uso de drogas ao gênero masculino contemplando uma situação extrema entre a vida e a morte. A relação ilegal que envolve o *crack* na sociedade atual, tem firmado suas negociações com o usuário num mercado altamente lucrativo e sem perdão. O problema não está associado ao *crack* isoladamente, pois a humanidade sempre sentiu a necessidade de experimentar novas sensações com o uso de substâncias psicoativas. O problema se dá relação com o consumo excessivo por parte do usuário dependente e em toda a articulação entre o tráfico e o uso desorganizado. A relação entre o mocinho e o bandido parece estar presente quando ocorre o pagamento de dívidas com a própria vida.

O amigo do meu tio tinha comprado droga fiado, aí ele não pagou, aí tentaram matar ele, só que ele viajou [...] para Solonópolis (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTE).

Alguém que não [...] que compra droga e não paga, eles vão ter que pagar com a vida. É assim que os outros entendem [...] quem vende (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTE).

Essas reflexões podem estar fundamentadas nos problemas sociais característicos de quem faz uso abusivo e se envolve com problemas de cunho

judicial, em detrimento da necessidade de obtenção da droga. Essa forma de relacionar o uso de *crack* com a violência pode estar associada as várias formas de obtenção da droga como práticas de assaltos e furtos, vendas de objetos pertencentes a família ou até mesmo o tráfico de drogas.

Esta realidade é vista rotineiramente na mídia, principalmente nos programas policiais, que mostram o desespero de famílias que perdem seus parentes em virtude do consumo abusivo. Desse modo questionamos: quais as possíveis explicações para este fenômeno? É relevante informar que o *crack* por si só é inerte e nós atribuímos a ela, sentidos e significados. A violência pode ser resultado de um processo proibicionista que se desenhou em volta das substâncias psicoativas, despertando em grande parte, o interesse dos adolescentes pela ilegalidade da droga, os quais sentem curiosidade em enfrentar o desafio de consumir o que não é permitido socialmente. A relação do discurso sobre o uso de *crack* com a violência e com a morte esteve presente nos desenhos e nas falas de alunos e professores

Nos grupos focais, percebemos o quanto a mídia exerce influência para a construção das percepções dos adolescentes sobre o uso de *crack*. Quando questionados sobre as orientações sobre o *crack*, a televisão foi uma das principais respostas, obtidas principalmente nos programas policiais.

Eu já, no 190 (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Já, no Barra Pesada e no Cidade Alerta. Falaram que as pessoas conseguem internamento, outras pessoas às vezes não conseguem [...] sair do vício (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Na televisão. Eu vi na televisão que enfia um cabo no nariz e cheira (risos) [...] (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTES).

Outros fatores quanto a vulnerabilidade e a violência associada ao uso abusivo de *crack* estão as desigualdades sociais, as representações culturais sobre a droga, as necessidades de reafirmação em grupos, as alterações familiares, as situações de violência na infância, dentre outras situações traumáticas. O índice de mortalidade entre os usuários de drogas, está mais associado aos eventos de violência, do que mesmo por alterações físicas causadas pela substância. Nesse sentido, Ramiro, Padovani e Tucci (2014), destacam que o contexto de violência pode ser exacerbado em virtude das políticas focarem numa prevenção de cunho

proibicionista e na criminalização do usuário, sem uma maior prioridade as práticas terapêuticas. Isso promove uma maior vulnerabilidade e sofrimento dos envolvidos no fenômeno do uso de *crack* (MENÉNDEZ, 2012).

A carência de políticas públicas mais efetivas, que alcancem de forma integral o usuário, precisam ser desenvolvidas ultrapassando o discurso da marginalização e da proibição. Esse pensamento é expresso por Ramiro, Padovani e Tucci (2014) ao citar (MEDEIROS, 2010), o papel da mídia no Brasil, tem sido tendenciosa ao manter um discurso voltado para a discriminação e culpabilização do usuário de *crack*, o que tem reforçado o impacto da violência e do medo na população geral sobre este fenômeno. Isso pode contribuir para a construção de políticas públicas reacionárias e conservadoras, baseadas no princípio de higienização da sociedade. Esse olhar enviesado pode dificultar a análise dos fatores socioeconômicos, políticos, jurídicos, clínicos e culturais associados ao consumo dessa substância.

Segundo Quinderé (2013, p. 150) [...] “A exclusão e a criminalização do uso dificultam ainda mais estratégias que visem o cuidado a estas pessoas que são vistas como a escória da sociedade e precisam mesmo é serem afastadas e excluídas”.

A mídia foi o meio mais comentado como fonte de informação sobre o uso de drogas. Vale ressaltar que a mídia tem mostrado o usuário de *crack* como alguém marginalizado, doente, viciado que necessita de tratamento psiquiátrico associado as internações prolongadas para superação dos sintomas da abstinência e cura da doença.

Apesar de não haver consenso entre os operadores da lei sobre a prática da justiça terapêutica, de forma geral, o mais recorrente aponta para o fato de que é a droga a responsável pelo delito, tendo como consequência efeitos de desresponsabilização subjetiva. O fato de que a lei não faz distinção entre uso e dependência, e também não distingue narcotraficante, traficante-usuário e traficante-dependente, determina que se instale a ideia de que todo uso se caracteriza como dependência e todo tráfico deve ser enquadrado como crime hediondo sem progressão de regime, desconsiderando que o dependente, muitas vezes, faz pequenos tráficos para sustentar o próprio consumo. Este é um dos maiores problemas dessa lei, pois estipula punição equivalente aos diferentes níveis de

inserção no tráfico: do narcotraficante ao “aviãozinho” – este último refere-se ao menor na hierarquia da rede de tráfico, aquele que vende pequenas quantidades de droga. Por outro lado, criminalizar o dependente de drogas sem oferecer recursos terapêuticos durante a pena, considerando o fácil acesso às drogas nos ambientes prisionais, remete a uma realidade desumana, como foi observado através dos dados de pesquisa com apenados, já citada (CONTE *et al.*, 2008, p. 607).

#### 5.4 ABORDANDO O CONSUMO DE CRACK COM ADOLESCENTES NA ESCOLA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA

O produto final desta pesquisa, culminou com a produção de uma proposta de cartilha educativa sobre o uso de *crack*, como meio de informação para os alunos e como método pedagógico para auxiliar os professores a discutirem o assunto em sala de aula.

**Figura 8 – Cartilha educativa abordando o uso do crack**



Durante as entrevistas com os professores, percebemos que existe uma grande inquietação por parte destes profissionais, quando a questão envolve o uso de *crack* na adolescência. Relatam que se sentem despreparados para lidar com o assunto, pois nunca receberam nenhum tipo de capacitação. A carência de cursos sobre o uso de drogas na adolescência, foi uma queixa unânime entre os professores, e isso pode deixá-los inseguros, desmotivados e sem interesse para falar sobre o assunto, por acharem que não faz parte de suas competências ou responsabilidades.

Alguns tentam conversar com o aluno, pois acreditam que o diálogo é a melhor maneira para encorajar o adolescente a falar sobre o próprio uso e a procurar ajuda. Tentam demonstrar segurança e servir como ponte entre o aluno que está em uso de drogas e a sua família.

Ahh, com o adolescente a gente tenta conversar. Com o adolescente a gente tenta meio que fazer com que ele fale, sem perguntar diretamente. Dependendo da conversa, a gente fala, pergunta: a gente tá notando que você tá muito, sei lá, você não tá centrado do mesmo jeito, você tá gazeando muita aula, quando vem à aula não faz uma atividade. A gente quer saber, assim... tá havendo algum problema em casa, é algum problema com professor, algum problema com a escola, tá com alguma questão? Tá! Aí depois fazer várias perguntas, dentre essas, a gente acaba perguntando também: – Você tá fazendo uso de alguma droga. E a gente tenta o máximo possível, né?!, fazer com que ele tenha a certeza de que o assunto não, não vai, não sai daqui, né?! A conversa é como uma confissão, né?! Fazer para ele ter a certeza, pra ele se sentir seguro, de que o assunto não sai daqui (PROFESSOR 5).

Agora assim, o que eu, o que a gente faz aqui é pela experiência, é pelo dialogar. A gente tenta dialogar. Às vezes eu leio sobre o assunto, eu gosto de ler. É um assunto que me chama atenção e às vezes eu leio algum artigo em revistas mesmo educacionais, né?! A gente costuma ler e aí o que a gente faz aqui é mesmo pela própria vivência e por leitura de artigos, de livros, mas eu não me sinto preparada não (PROFESSOR 7).

Assim... preparada, preparada, a gente tenta, a gente tenta se capacitar cada vez mais entendeu?! Porque assim [...] ahhh [...] são diferentes alunos né?! Você vê que é muito heterogêneo os alunos em si, então assim a gente conversa com o aluno, têm aqueles que não querem nem papo, mas aí a gente já age de outra forma, de uma forma mais afetiva com ele tentando trazer ele mais pra perto da gente, entendeu?! (PROFESSOR 2).

A única capacitação que recebi até agora foi uma em relação a meio ambiente. Mas, nada relacionado à droga. Inclusive, eu e o outro professor de ciências, a gente tenta até fazer um trabalho em relação a, por enquanto as DST, a gravidez precoce, que também é um fator que é muito, que acontece muito aqui. Mas, de drogas ainda não. Acho que é um assunto ainda muito delicado. Por quê? A gente trabalha aqui todos os dias. A gente vem e sai todos os dias aqui da escola. Eu moro aqui perto, a maioria dos professores mora

aqui perto. Então é um assunto delicado se a gente for tratar, pode gerar algum tipo de violência, né?! Eles podem se sentir, sei lá, acuados ou de alguma forma que a gente vai denunciar ou algo parecido (PROFESSOR 1).

Em contrapartida, percebemos que outros professores sentem uma grande dificuldade para falar sobre o assunto com alunos e familiares, pois o contexto que a escola e que os alunos estão inseridos, dificultam as ações educativas nesse sentido. A falta de capacitação dos educadores, caracterizam o distanciamento da escola com esse assunto tão importante que deve ser contemplado a partir de uma maior interação com as redes assistências de apoio, como os CAPS, a ESF, os demais recursos comunitários e a própria escola. O sistema que envolve a educação do município, também foi relatada por um dos professores entrevistados, como algo que engessa a prática e atuação do profissional em sala de aula, pois a burocracia e o fato de terem que cumprir um conteúdo programático dentro do período letivo e outras obrigações, são vistos com barreiras que os impedem de trabalhar o assunto junto aos adolescentes.

A gente não pode fazer isso não. Lidar com o irmão dele [...] com o chefe do Barroso. Essa é que é a verdade. Os políticos dizem que não, mas é por que eles não estão aqui. Além do que nesse sistema, a gente não pode chegar junto com as famílias com esse tipo de assunto. Pais são traficantes, pais são usuários. Então a coisa é maior quem lida todo dia com o pai, quem recebe o pai são as outras funções da escola (PROFESSOR 6).

A gente é muito tolhido, a gente até quer. Mas você tem que dar a sua aula, você tem que cumprir seu horário, você tem que preencher o seu diário, você tem que gerar nota. Você é engessado num sistema burocrático do serviço público, onde a realidade muitas vezes, ela é jogada de lado em nome de um conteúdo, ou de uma realidade burocrática (PROFESSOR 2).

Eu não me sinto preparada mesmo porque eu nunca fiz nenhum curso em relação a isso. Eu assim, não é... eu não fiz curso, eu não sou formada pra isso. [...]

Falar sobre o uso de *crack* na adolescência é um grande desafio, pois percebemos a carência de informações no ambiente escolar e na instituição familiar. Os alunos discutiram nos grupos focais que não recebem dessas instituições sociais, as orientações fundamentais sobre o assunto. Assim percebemos uma falência e uma inversão de papéis, pois, os alunos constroem suas percepções pelos que vivenciam em seu meio social, nas ruas ou na mídia. Essa deficiência pode ser explicada pelo fato de os professores não se sentirem capacitados ou sentirem medo de falar sobre o assunto, já que a escola está situada em uma área de grande comercialização do *crack*.

Não, nunca ninguém falou que não era pra mim usar (GRUPO FOCAL COM ADOLESCENTE).

A gente avisa ao diretor, mas ele não faz nada.

Conversa [a direção da escola] com a família né tia [...] chama a guarda municipal.

Não é discutida, é meio que aquela coisa, a gente sabe que acontece, mas faz vista grossa até por medo de represálias né, da violência dentro da escola, de quem comanda esse tipo de coisa. Claro que se existir algum caso de venda de droga dentro da escola vai haver uma punição, vai tentar se trabalhar isso aí, mas não tem um trabalho preventivo (PROFESSOR 1).

Segundo Bittencourt, França e Godim (2015) deveria existir espaços de reflexões tanto na escola, como na família, permitindo um acolhimento dos jovens e proporcionando uma tomada de decisão consciente sobre a mudança de sua realidade. Ainda comentam que quando essas instituições promovem esse pensar reflexivo junto aos adolescentes, estes podem se tornar mais resilientes para enfrentar situações conflituosas.

Apesar de todas as barreiras, anteriormente, muitos professores pensam numa forma de trabalhar essa temática na escola e quanto questionados sobre uma forma didática para discutir essa realidade com os seus alunos, surgem algumas ideias.

Então eu vejo dessa forma, que deveria ter mais palestras, ter um movimento maior pra incentivar esses alunos a não usarem né?!, pra nem pensar nisso, envolvê-los com outras atividades expandir mais, sabe?! (PROFESSOR 4).

Dessa forma, nossa proposta visa estimular a discussão sobre o uso de *crack*, para que o adolescente desenvolva um comportamento de resiliência quanto a essa temática e seja capaz de tomar escolhas conscientes. Procuramos propor uma cartilha com uma característica interativa e interdisciplinar, contextualizando o assunto com as disciplinas curriculares, desfocando do olhar repressivo que envolve o uso de *crack*.

<b>Sumário</b>	
Apresentação_____	06
1. Você sabe o que é crack?_____	07
2. Quais as formas de utilização do crack?_____	10
3. Uso de crack e outras drogas no Brasil._____	13
4. Quais são os efeitos físicos ocasionados pelo crack?_____	16
5. Situações de risco e de proteção para o uso de crack._____	19
6. Quem é o usuário de crack?_____	23
7. A arte como forma de expressão de opiniões._____	28
8. Quando procurar ajuda?_____	30
9. Procurando ajuda na família e na escola.____	31
10. Construindo a própria História._____	32
Referências_____	36

### **Apresentação**

A partir de uma pesquisa realizada em uma escola pública no município de Fortaleza-CE, sobre o uso de drogas na adolescência, percebemos a necessidade de construir um material informativo para auxiliar estudantes e professores a conduzirem suas reflexões sobre esta temática.

Sabemos que manter um diálogo com adolescentes sobre o uso de *crack*, no ambiente escolar, é um grande desafio, e muitos professores sentem-se inseguros e despreparados. Por outro lado, muitos adolescentes sentem-se retraídos para falar sobre este assunto ou acabam dando pouca importância, culminando com o uso desorganizado desta droga. A verdade é que existe uma urgente necessidade de encarar este problema de frente!

Nossa intenção não é fazer apologias ao uso de drogas, no entanto, sentimos a necessidade de estimular o diálogo aberto, consciente e responsável que promova reflexões críticas sobre o uso de *crack* na adolescência. Pretendemos aqui, discutir alguns aspectos relevantes que possam ser trabalhados no ambiente escolar, com distanciamento do discurso repressivo e preconceituoso, promovendo um maior conhecimento sobre o assunto.

Com base nessa ideia, apresentamos a presente cartilha que se caracteriza como uma tecnologia educativa produzida a partir de uma dissertação do Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente (CMPSCA) da Universidade Estadual do Ceará.

As ilustrações foram pensadas a partir do conteúdo que se fará presente na cartilha, permitindo que o aluno, também faça interpretações a partir dessas imagens e construa reflexões sobre o fenômeno do uso de *crack* na adolescência. A intenção é que a partir desse instrumento, os professores e alunos possam realizar discussões em sala, ampliando os conhecimentos para as outras disciplinas curriculares e sejam capazes de planejar outras estratégias para serem trabalhadas em sala de aula.

A proposta é construir uma cartilha para o aluno, com uma versão comentada para o professor. Para iniciar a discussão, a primeira página da cartilha procura estimular a elaboração de definições e reflexões sobre o *crack*. A verdade é que muitos alunos nunca recebem informações da escola ou dos pais sobre esta questão, pois há uma série de estigmas e preconceitos quanto a este assunto. Dessa forma, as imagens representam a ideia de uma professora com os seus alunos dentro de uma sala de aula, na intenção de que os envolvidos na educação desses adolescentes compreendam que devemos abrir espaço para discutir esse assunto no ambiente escolar, incluindo também a família nesse processo.

<p><b>1</b> VOCÊ SABE O QUE É CRACK?</p>  <p>É uma droga encontrada em forma de pedra. É derivada da cocaína, por meio da mistura com outras substâncias como água e bicarbonato de sódio, amônia e soda cáustica</p> <p><b>CURIOSIDADE!</b> O crack recebe este nome por representar o som durante o processo de aquecimento ao ser fumada</p> <p><b>7</b></p>	<p><b>Comentários para o Professor</b></p> <p>A cocaína (<i>Erythoxylon coca</i>) estimula a atividade do sistema nervoso central, causando a sensação de bem-estar, euforia, hiperatividade, autoconfiança, perda da fome e do sono, entre outras sensações discutidas mais à frente. O crack é derivado da cocaína e é encontrado na forma sólida. Para chegar a forma de pedra, outras substâncias são acrescentadas à sua composição como bicarbonato de sódio, amônia, soda cáustica e água.</p> <p><b>Apliando Conhecimentos</b></p> <p>É importante iniciar a discussão com base no conhecimento prévio do aluno. Estimule-o a pensar reflexivamente, a partir de um possível conceito disparador de novas discussões. <b>Exemplo:</b> Por que o crack tem se tornado alvo de discussões na mídia?</p> <p>Estimule o aluno a construir sua própria definição sobre o crack. Com um olhar mais contextualizado, aproveite para falar sobre alguns elementos que constituem essa droga abordando sobre sua importância.</p> <p><b>8</b></p>
--	--

A discussão deve ser construída de uma forma contextualizada com a interdisciplinaridade, despertando o interesse dos alunos para outros assuntos curriculares que estão ligadas ao assunto. No segundo capítulo, procuramos discutir as principais formas de utilização, para que o adolescente compreenda que algumas doenças podem ser transmitidas quando esse uso é feito de uma forma desprotegida.

Dessa forma, o fenômeno do uso de *crack*, abre espaço para discussão sobre doenças graves associadas ao uso desta substância, e a escola como um todo, precisa se envolver nesse processo, convidando a família para trabalharem juntos.

Nossa intenção não é responsabilizar a escola por esse processo educativo, uma vez que esta função é de responsabilidade de diversas instituições sociais, mas mostrar que é possível fazer uma discussão sobre essa temática de uma forma leve, interativa e longe da visão proibicionista, dentro do espaço escolar. O adolescente precisa compreender o assunto e a partir disso, desenvolver segurança para falar com os seus professores, coordenadores, diretores e com a sua família a respeito de suas escolhas e pensamentos sobre o *crack*.

### Sugestão 1:

Promova uma reflexão sobre a água como elemento essencial para a vida e sobre a importância de usá-la de forma consciente. Trabalhe esse tema a partir de músicas como Asa Branca "Planeta Água", "Água Fonte de Vida" ou incentive os alunos a construir paródias.

### Sugestão 2:

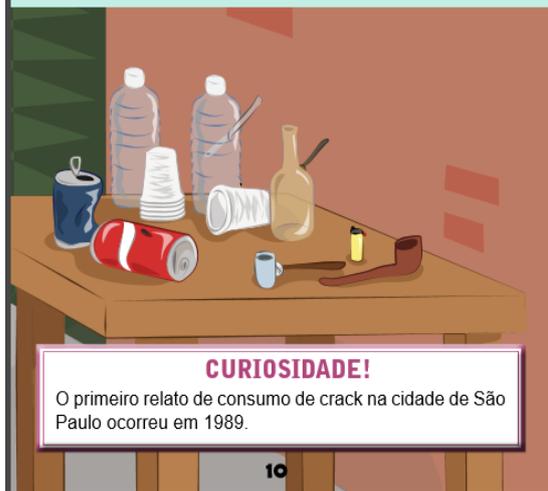
Explique que o bicarbonato de sódio é um composto sólido e branco, que tem várias utilidades no dia a dia. Pode ser utilizado para clarear os dentes, para limpar superfícies, para tirar manchas de roupas, para combater aftas, tirar mau cheiro das superfícies, entre outras utilidades. Incentive o aluno a pesquisar sobre a utilidade do bicarbonato de sódio no dia-a-dia. Solicite uma pesquisa sobre as outras substâncias presentes no crack e faça uma discussão sobre isso. Você ainda pode desenvolver alguma atividade prática com o bicarbonato.

9

## 2 QUAIS AS FORMAS DE UTILIZAÇÃO DO CRACK?

O crack pode ser consumido através de cachimbos, latas de alumínio, copos descartáveis ou forma de cigarros associado à maconha e ao tabaco.

Quando esse material é compartilhado com outros usuários, algumas doenças podem ser transmitidas e a principal delas é a AIDS.



### CURIOSIDADE!

O primeiro relato de consumo de crack na cidade de São Paulo ocorreu em 1989.

10

## Comentários para o Professor

Várias são as formas de utilização do crack. É importante expor para os alunos os riscos que envolvem este consumo associado a transmissão de doenças:

- Quando o crack é usado em latas ou cachimbos, pode provocar queimaduras e consequentemente pequenas fissuras nos lábios, o que pode funcionar como portas de entrada para microrganismos.
- Quando o instrumento de uso é compartilhado com outros usuários, pode haver o risco de transmissão do vírus HIV.

De acordo com **Lemos e Zaleski (2012)**, os adolescentes demoram para reconhecer os riscos associados ao uso de crack, em virtude da necessidade natural de experimentar novas sensações, cabendo aos familiares ajudá-los nessa percepção.

11

Quando a escola e os professores também se envolvem nessa perspectiva, o desfecho dessa experiência pode tomar novos rumos, ou seja, não podemos garantir que os adolescentes nunca usem drogas, mas esta orientação pode ajudá-los a se protegerem se por ventura virem a usar.

Por outro lado, os alunos podem perder o interesse pelo crack, quando as orientações trazem o conhecimento dos possíveis riscos associados ao uso. Compreendemos que uma educação com consciência pode mudar a história de muitos adolescentes.

**Educação com consciência pode mudar a história de muitos adolescentes.**

## Ampliando Conhecimentos

Faça uma discussão com os alunos sobre o HIV/AIDS e suas possíveis formas de transmissão. Solicite aos alunos uma pesquisa sobre este assunto e solicite uma apresentação em forma de painel.

12

No capítulo 3, procuramos trazer informações sobre dados epidemiológicos sobre o consumo de *crack* nas regiões do Brasil, e incentivamos os professores a realizar a interpretação dos dados com os alunos, estimulando-os a compreender esse processo do uso, de uma forma mais atenta para a Região Nordeste, para o estado do Ceará e para a cidade de Fortaleza a partir de outras pesquisas que podem ser realizadas pelos próprios alunos. É importante atentar também para a faixa etária em que se dá o início do uso de drogas, promovendo reflexões sobre a adolescência e o uso de *crack*.

Sugerimos que os alunos realizem uma pesquisa sobre as regiões do Brasil, com suas particularidades, explicando sobre os costumes, religião, gastronomia, extensão territorial, cultura entre outras. Os dados matemáticos presentes no gráfico, também podem ser explorados pelo professor de matemática, através da leitura dos números, construções e interpretações de novos gráficos relacionados ao assunto.



**Comentários para o Professor**

É importante ter uma noção sobre a epidemiologia do uso de crack, pois a partir disso tomamos consciência da distribuição dos eventos referentes à saúde dos adolescentes.

De acordo com **Noto** (2012) os estudos epidemiológicos no Brasil começaram a ter uma maior representação na década de 1980, a partir dos estudos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Comenta que os adolescentes são considerados a população mais estudada nesse sentido, e essa realidade é representada por meio dos levantamentos sobre o uso de drogas entre estudantes. Estudos comprovam que o primeiro uso de drogas acontece na passagem da infância para a adolescência e esse consumo vem aumentando de forma relevante. As pesquisas realizadas pelo CEBRID mostram um aumento no consumo de maconha, inalantes, cocaína e crack no final da década de 90 em algumas capitais do Brasil.

Outra pesquisa realizada pelo IBGE, comprovou que 8,7% dos jovens que vivem nas capitais brasileiras experimentou drogas no ano de 2009, havendo um

14

aumento dessa taxa para 9,9% no ano de 2012.

Estes dados podem ser apresentados para os alunos, os quais devem ser incentivados a discutirem sobre as possíveis causas para explicar o aumento do consumo entre adolescentes.

### Ampliando Conhecimentos

Utilize o gráfico para estimular a leitura matemática, orientando os alunos a interpretarem os dados sobre o uso de drogas por adolescentes.

Estimule o aluno a identificar o assunto do gráfico, a fazer comparações sobre o uso de drogas entre as regiões do Brasil, a realizar a interpretação numérica que envolve o fenômeno do uso de crack.

Os alunos ainda podem ser incentivados a pesquisar dados semelhantes sobre o uso de drogas utilizando revistas, jornais ou a própria internet.

Em grupo os alunos podem apresentar um gráfico para a turma, em forma de painel. Outra sugestão é trabalhar cada região do Brasil, contextualizando com dados demográficos, extensão territorial, hábitos culturais, religião, principais atividades econômicas, gastronomia.

15

4

### QUAIS SÃO OS EFEITOS FÍSICOS OCASIONADOS PELO CRACK?

Os efeitos dependem da quantidade e da frequência de uso. Pode alterar os padrões de sono, promover sensação de bem-estar, euforia, agitação, problemas respiratórios, pode ainda, inibir o apetite, causando desnutrição, desidratação e problemas gástricos. As pessoas que não são dependentes do crack e usam de uma forma ocasional, não sofrem com os efeitos negativos no organismo.



#### CURIOSIDADE!

Países como a Holanda e o Uruguai, permitem a produção e a comercialização da maconha.

16

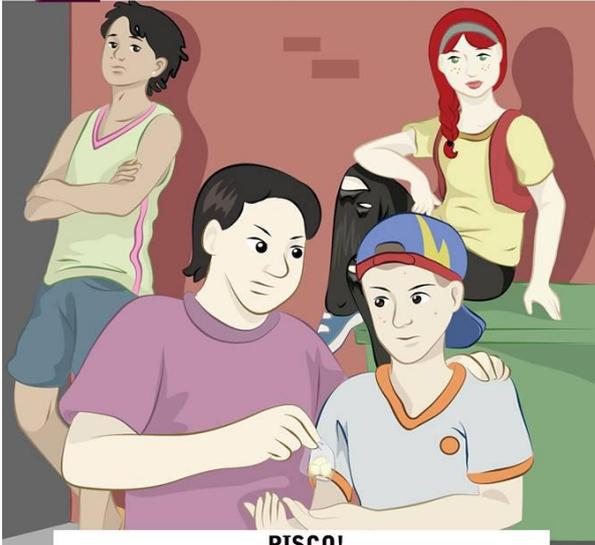
No capítulo 4, procuramos demonstrar as diversas possibilidades de efeitos ocasionados pelo consumo de *crack*, no entanto, é importante considerar que cada usuário tem reações diferentes e nem todos fazem o uso problemático da droga. Sugerimos que as discussões em volta dos países que legalizaram a maconha, ajudem a produzir novas reflexões sobre o assunto ao ser comparadas com o nosso País.

<p><b>Comentários para o Professor</b></p> <p>É preciso desconstruir a ideia de que todos os usuários de drogas são marginais, perigosos, sujos, magros ou até mesmo “noiados”. As drogas podem fazer mal dependendo do tipo de uso e do contexto de cada um, e da legislação do seu país. (CAVALCANTE e ACSELRAD, 2015).</p> <p>Existem quatro tipos de usuários: <b>O experimental, o ocasional, o habitual e o dependente.</b> Algumas pessoas conseguem fazer o uso experimental, ou seja, usam uma vez e não sentem mais vontade de repetir a experiência. Outras usam ocasionalmente, em situações que podem estimular o uso como em festas ou reuniões de amigos. Existe o usuário habitual, que usa com certa frequência, mas é capaz de manter relações afetivas e suas atividades profissionais sem alterações.</p> <p>Quando o consumo se torna compulsivo, dizemos que o usuário é dependente, pois está associado a situações e consequências negativas e sentem uma grande dificuldade em controlar o uso.</p> <p>Estimule o aluno a refletir que o uso de drogas deve ser avaliado considerando o contexto, a droga escolhida, a personalidade do usuário, pois estes fatores podem causar diferentes sensações.</p> <p style="text-align: center;"><b>17</b></p>	<p><b>Ampliando Conhecimentos</b></p> <p>Países como a Holanda e o Uruguai, permitem a produção e a comercialização da maconha. Autores comentam que esse tipo de decisão pode reduzir os danos em virtude das informações e do tratamento serem acessados de forma livre para os usuários. Promova uma discussão neste aspecto. O que você pensa sobre a legalização das drogas?</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">   </div> <p>Solicite que os alunos façam uma pesquisa sobre estes países (Holanda e Uruguai), identificando o continente em que estão localizados, a capital de cada país, a extensão territorial, a população, a moeda, a religião, o idioma, cultura e o desenvolvimento econômico.</p> <p>A sugestão é manter a interdisciplinaridade ao discutir o tema, como também, promover uma comparação desses países com o Brasil, discutindo as semelhanças e diferenças entre os três. Estimule o aluno a refletir sobre a atual situação do Brasil e como o nosso país pensa a respeito da legalização das drogas.</p> <p style="text-align: center;"><b>18</b></p>
--	---

No capítulo 5, procuramos trazer os fatores de risco e de proteção para o uso de *crack* entre adolescentes. A intenção é que os professores auxiliem os alunos a identificarem as possibilidades de atividades culturais, de esporte e lazer que são oferecidas gratuitamente na cidade. A escola também deve promover atividades que promovam a integração entre os alunos para que os adolescentes tenham novas possibilidades para ocupar o tempo livre.

5

## SITUAÇÕES DE RISCO E DE PROTEÇÃO PARA O USO DE CRACK

**RISCO!**

Os jovens que não tem acesso ao lazer, a informação, que sofrem com a violência, que convivem com outras pessoas que usam drogas e não conversam com pais podem ter mais chances de usar drogas e de vir apresentar problemas decorrentes deste uso.

19

**PROTEÇÃO!**

Os jovens que recebem informações sobre o crack, os que praticam alguma religião, atividades de lazer, esporte e vão à escola tem mais chances de não se interessarem pelas drogas.

20

Você sabia que em nossa cidade algumas atividades culturais são promovidas gratuitamente? Pesquise sobre estas possibilidades e escreva nesse lindo quadro.

**Comentários para o Professor**

Os alunos precisam perceber a diversidade de atividades que podem ser desenvolvidas em seu cotidiano. Praticar alguma atividade física, ver um bom filme, ir à escola, ir à igreja, ir à praça do bairro, ir à praia, ir às atividades culturais que são ofertadas gratuitamente em nossa cidade, são boas opções de lazer que podem diminuir o consumo de crack na adolescência.

**Ampliando Conhecimentos**

Estimule cada aluno a identificar as possíveis oportunidades de lazer em seu bairro e faça um mural com as atividades culturais gratuitas que existem em nossa cidade. Esse mural pode ser atualizado uma vez por mês.

O mural deverá ser criado por cada turma como um momento criativo e que promova interação. Utilize materiais coloridos para animar a turma.

22

O capítulo 6, foi criado na intenção de gerar discussões a partir dos desenhos realizados por adolescentes que participaram do grupo focal, lembrando que os nomes dos alunos que estão na cartilha são fictícios para preservar o anonimato, seguindo os aspectos éticos e legais que envolve a pesquisa com seres humanos.

Os desenhos construídos representam imagens fortes de violência e nos faz refletir sobre as percepções desses jovens a respeito das drogas. Em suas falas pudemos perceber que a maioria não recebe orientações em casa e nem na escola, então, como eles conseguem fazer estas interpretações quando ao uso de *crack*?

Consideramos que a mídia representa diariamente estas cenas de violência envolvendo o usuário de *crack* e o aluno tem a tendência a reproduzir o mesmo pensamento. Também percebemos que o contexto em que a escola e os adolescentes estão inseridos facilita um conhecimento focado em cenas de violência.

## 6 QUEM É O USUÁRIO DE CRACK?

Marcos, João e Josias, são três adolescentes que estudam numa escola pública. Eles construíram desenhos como forma de expressar suas opiniões sobre o usuário de crack.

Olá, eu sou Marcos, o que você achou do meu desenho?

Marcos, 12 anos.

23

João, 13 anos.

Você concorda com o pensamento de João, quando afirma que matar aula é igual a crack, você experimenta uma vez e nunca mais quer parar?

24

Pensando nos professores, a presente cartilha pode servir como um instrumento para promover reflexões mais consistentes e para estimular o planejamento de novas atividades que complementem as ideias que foram propostas para trabalhar o tema com os alunos.

Os professores entrevistados, apresentam pensamentos diversos a respeito da utilização de uma cartilha como instrumento para falar sobre o uso de *crack* na escola. Alguns oferecem outras sugestões que podem ser analisadas para a construção de um trabalho futuro.

Eu acho que tudo é viável. Tudo é [...] que seja bem trabalhado, é viável. Não adianta [...] porque depende de quem aplica. É [...] depende de quem aplica. Por exemplo, eu posso ter uma cartilha excelente, mas eu posso ter um professor que vai falar essa prática errada dessa cartilha e transformar essa coisa em algo totalmente chato, como se fosse um exercício. Eu posso ter uma cartilha não tão boa, mas eu posso ter alguém, que faça uma dinâmica e use essa cartilha e ela se transforme em algo curioso. Então, entra didática aí no meio. É como aquela coisa, a aula, você tratar de um assunto como esse, requer uma dinâmica interessante, não adianta (PROFESSOR 7).

Vai ser encostado como muitos materiais em muitas escolas. É utilizado em um determinado momento e pronto. Eu acho que esse tipo de assunto deveria ter nos livros didáticos, sabe por quê? Porque a gente tem que cumprir um cronograma e se tivesse no livro de ciências e em alguns livros, acho que seria interessante, porque seria visto de uma outra forma, por uma questão médica, então teria uma outra noção. A única forma deles tomarem pé em alguma coisa seria o livro didático (PROFESSOR 4).

Então, eu acredito que talvez a cartilha seja interessante, porque essa cartilha ela não fica só aqui dentro, ela vai pra casa deles e de repente alguém pode ler e alguém pode né!?, isso ser disseminado, vai ser interessante também o uso de algum vídeo. Mesmo que trabalhe um pouco da da... das imagens assim as vezes até chocantes, mas para eles terem uma noção da realidade, pra eles verem como é que as coisas funcionam. Enquanto eles não veem como é que acontece, eles querem fazer justamente pra ver o que que vai acontecer (PROFESSOR 1).

Apesar de reconhecermos que qualquer estratégia é passível de erros e acertos, nossa intenção é ajudar os professores na complexa missão de educar, trazendo informações importantes sobre o uso de *crack* por meio desta cartilha.

<p>O que você pensa sobre o desenho de Josias?</p>  <p><b>Josias, 13 anos.</b></p> <p>25</p>	<h3>Comentários para o Professor</h3> <p>Antigamente as substâncias psicoativas eram utilizadas com finalidades religiosas, culturais e medicinais. (MARANGONI E OLIVEIRA, 2013).</p> <p>Hoje, o uso abusivo de drogas é considerado um grave problema de saúde pública, e pode está fortemente relacionado à criminalidade, doenças, problemas judiciais, conflitos nas relações interpessoais, acidentes e até mesmo morte. (SILVA et al, 2010; MONTEIRO, 2008).</p> <p>O primeiro desenho, reproduz o que está culturalmente atrelado ao usuário de crack, ou seja, reproduziram a ideia de que quem usa essa substância pode apresentar como desfechos secundários a cadeia e a morte. Essas reflexões podem estar fundamentadas nos problemas sociais característicos de quem faz uso abusivo e se envolve com problemas de cunho judicial, em detrimento da necessidade de obtenção da droga.</p> <p>É relevante informar que o crack por si só é inerte e nós atribuímos a ele, sentidos e significados.</p> <p>26</p>
---	---

No capítulo 7, sugerimos que os alunos se expressem por meio da arte, construindo desenhos, poesias, paródias, pinturas, enfim, sugerimos que a subjetividade seja levada em consideração e que este momento se torne interativo e interessante para os adolescentes.

Nos capítulos 8 e 9, os adolescentes poderão identificar quando é necessário procurar ajuda e são orientados a procurar o suporte familiar e escolar para um melhor enfrentamento do uso problemático do *crack* ou receberem orientação quanto às medidas preventivas. Se o foco das informações tiver um conteúdo repressivo os jovens poderão desenvolver sentimentos como o medo e a vergonha e poderão ficar ainda mais vulneráveis ao uso de *crack*. Por tanto, orientamos para a necessidade de conduzir os casos de uso de drogas dentro da escola com um olhar humanizado e empático, afinal, os jovens que usam o *crack* de uma forma desorganizada poderão estar em sofrimento psíquico importante, necessitando de uma intervenção adequada.

A violência pode ser resultado de um processo proibicionista que se desenhou em volta das substâncias psicoativas, despertando em grande parte, o interesse dos adolescentes pela ilegalidade da droga, os quais sentem curiosidade em enfrentar o desafio de consumir o que não é permitido socialmente. É importante considerar que as pessoas que fazem uso desorganizado da droga, podem se envolver em situações conflituosas que possam colocar sua vida em risco.

### Ampliando Conhecimentos

Você pode trabalhar com os alunos no sentido de estimular a leitura e a escrita. Você pode levar outros textos que fale sobre o uso de drogas na adolescência e pode solicitar que cada aluno construa uma redação sobre o tema. Outra sugestão é trabalhar com charges, uma vez que se caracteriza como uma estratégia interessante para estimular o raciocínio crítico e ampliar as discussões sobre o tema.

27

## 7 A ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO DE OPINIÕES

Vocês estão sendo convidados a se expressarem através da arte. Use a sua criatividade e construa um desenho, poesia ou paródia e compartilhe com os colegas e professores.



28

### Expandindo os conhecimentos em arte

Promova um ambiente interativo, oferecendo pincéis, tintas, lápis de cor, cartolinas. Estimule o aluno a se envolver nesse momento e, se souber, ofereça dicas sobre técnicas para desenhar e explorar as cores.

## 8 QUANDO PROCURAR AJUDA?

Quando o uso de crack se torna a principal motivação da vida, causando falta de interesse por atividades básicas como dormir, comer, passear, estudar, manter uma boa relação com a família e com os amigos, então é o momento de procurar ajuda!



30

## 9 PROCURANDO AJUDA NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

É importante que você procure o apoio da sua família e da sua escola. Não sinta vergonha, nem medo de conversar com seus pais e professores. Eles querem o seu bem!



31

## 10 CONSTRUINDO A PRÓPRIA HISTÓRIA

A adolescência é uma das fases mais belas e mais complexas da vida, pois envolve novos desafios e novas descobertas.

Poucas são as preocupações com o futuro e há uma tendência para ações mais impulsivas. As mudanças hormonais, comportamentais e de humor, podem ocasionar uma mistura de sentimentos e pode deixá-lo mais próximo ao uso de crack.

Desejamos que esta cartilha tenha contribuído para a construção de conhecimentos e de reflexões conscientes sobre o uso de crack na adolescência. Lembre-se que você também é responsável por suas escolhas e pode decidir se vai ou não usar drogas. Se por acaso você decidir usar em algum momento da vida, tenha em mente os possíveis riscos e tenha uma atitude responsável e se proteja dos possíveis danos.

Procure conversar com sua família e com os seus professores e tire todas as dúvidas, afinal, este assunto precisa ser levado a sério.

Finalizamos esta cartilha, deixando um texto para refletirmos sobre a vida e suas possibilidades.

32

Encerramos essa cartilha, deixando um texto da jornalista Ana Jácomo para refletirmos sobre a vida e suas possibilidades.

*"Tomara que toda vez que o nosso coração se resfriar à beça, e a respiração se fizer áspera demais, a gente possa descobrir maneiras para cuidar dele com o carinho todo que ele merece.*

*Que lá no fundo do mais fundo abismo nos reste sempre uma brecha qualquer, infima, tímida, para ver também um bocadinho de céu.*

*Que os nossos enganos mais devastadores não nos roubem o entusiasmo para semear de novo e que nada nos tire a coragem e o poder da confiança.*

*Que sempre que doer muito, os cansaços da gente encontrem um lugar de paz para descansar na varanda mais calma da nossa mente. Que o medo exista, porque ele existe, mas que não tenha tamanho para ceifar o nosso amor.*

*Que nunca te falte o caminho pela frente, a força que te levanta, o amor que te humaniza e a razão que te equilibra. Tomara que a gente não desista de ser quem é por nada nem ninguém deste mundo.*

*Que a gente reconheça o poder do outro sem esquecer do nosso também.*

33

*Que as mentiras alheias não confundam as nossas verdades, mesmo que as mentiras e as verdades sejam impermanentes.*

*Que friagem nenhuma seja capaz de encabular o nosso calor mais bonito e terno.*

*Que, mesmo quando estivermos doendo, não percamos de vista nem de sonho a ideia da alegria. Tomara que apesar dos apesares todos, dos pesares todos, a gente continue tendo valentia suficiente para não abrir mão de se sentir feliz"*

(Ana Jácomo)



34

Finalizamos com uma mensagem no intuito de promover reflexões críticas e conscientes sobre o fenômeno do uso de *crack* na adolescência e esperamos que a cartilha realmente seja útil para os professores se motivarem a discutir sobre esta temática com os seus alunos.

 <p>35</p>	<h2>REFERÊNCIAS</h2> <p>CAVALCANTE, Rita; ACSELRAD, Gilberta. <b>Quem usa drogas, o que pensa sobre isso?</b> In: Quem tem medo de falar sobre drogas? Saber mais para se proteger. ACSELRAD, Gilberta (org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, 164p.</p> <p>LEMOS, Tadeu; ZALESKI, Marco. <b>As principais drogas: como elas agem e quais os seus efeitos.</b> In: Adolescência e drogas. PINSK, Ilana; BESSA, Marco Antônio (orgs). 3 ed. São Paulo: contexto, 2012. 199p.</p> <p>MARANGONI, Sônia Regina; OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix de. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. <b>Texto Contexto Enferm</b>, Florianópolis, v. 22, n 3, p. 662-70, Jul/Set, 2013</p> <p>MONTEIRO, Simone; REBELLO, Sandra; BRANCO, Cristina Castelo; Cruz, MARLY. <b>Educação, drogas e saúde: uma experiência com educadores de programas sociais (RJ- Brasil)</b>. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Oswaldo Cruz, 2008.</p> <p>NORDESTE tem 40% dos usuários de crack nas capitais. Gazeta do Povo. Fortaleza, 19 set. 2013. Disponível em: <a href="http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/nordeste-tem-40-dos-usuarios-de-crack-nas-capitais-cd5lnp77zw3o8hh0nra4mh3ri">http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/nordeste-tem-40-dos-usuarios-de-crack-nas-capitais-cd5lnp77zw3o8hh0nra4mh3ri</a></p> <p>36</p>
--	--

## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

---

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procuramos compreender o fenômeno do uso de *crack* na adolescência a partir da visão de alunos e professores, por meio de interpretações do seu contexto sociocultural.

É comum encontramos estudos que comprovam o aumentando do consumo de *crack* entre os jovens, realidade preocupante, no sentido de que há uma necessidade de compreender as abordagens utilizadas para tratar sobre essa temática em diversos segmentos sociais, pois a atual abordagem do proibicionismo parece não surtir os efeitos almejados.

O estudo demonstrou que há uma maior facilidade em compreender o *crack* como objeto causador de desfechos negativos como a violência, a morte e a reclusão social, com argumentações superficiais e simplórias, ancoradas em estigmas e preconceitos. Apesar disso, interpretamos que na adolescência o *crack* é tido como elemento de comunhão social, como um desafio e como objeto de afirmação em seu grupo de amigos, merecendo uma maior atenção já que os jovens são naturalmente vulneráveis às drogas.

Constatamos que há uma grande ausência da escola na abordagem sobre o uso de *crack* com os adolescentes, o que nos faz pensar sobre a necessidade de um olhar reflexivo e crítico sobre as formas de abordagem que devem ser claras e diretas sobre esse tema. Esta realidade é justificada pelo medo, insegurança e pela própria falta de capacitação dos professores para trabalhar sobre o *crack* com os alunos.

Tal situação, reflete a ausência das políticas públicas que devem ser estabelecidas dentro dos espaços comunitários, utilizando estrategicamente a escola como disseminadora do conhecimento sobre o uso de *crack*. Para isso é preciso promover uma articulação eficiente entre os diversos serviços de saúde com o ambiente escolar, considerando a importância das ações de promoção da saúde.

Nesse contexto, procuramos criar um instrumento que promova essa interação entre os alunos e professores, diminuindo as barreiras do preconceito, facilitando a comunicação tendo em vista que os adolescentes, principalmente os que vivem nas comunidades mais carentes têm a tendência de vivenciarem direta ou indiretamente, experiências com o *crack* e silenciar quanto a este assunto é deixá-los à margem de informações relevantes para uma tomada de decisão consciente.

## ***REFERÊNCIAS***

---

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Drogas nas escolas**: versão resumida. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005. 143p.

ACSELRAD, G. Quem usa? O que usa? E por que usa? In: **Quem tem medo de falar sobre drogas?** Saber mais para se proteger. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, 164p.

ALARCON, S. Drogas... Que efeito isso tem? In: **Quem tem medo de falar sobre drogas? Saber mais para se proteger**. ACSELRAD, G. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. 164p.

ALEXANDROFF, M. C. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 18, n.17, p. 20-41, 2010.

ARAÚJO, C. C. M.; LACERDA, C. B. F. Examinando o desenho infantil como recurso terapêutico para o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 13, n. 2, p. 186-192. 2008.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BITTENCOURT, A. L. P.; FRANÇA, L. G.; GOLDIM, J. R. Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. **Rev. Bioét.**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 311-319, ago. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-80422015000200311&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422015000200311&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 out. 2015.

BRASIL. Carta de Ottawa. Primeira Conferência Internacional sobre promoção da saúde; novembro de 1986; Ottawa; Ca. In: Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. **Declaração de Alma-Ata; Carta de Ottawa; Declaração de Adelaide; Declaração de Sundsvall; Declaração de Santafé de Bogotá; Declaração de Jacarta; Rede de Megapaíses; Declaração do México**. Brasília: Ministério da Saúde; 2001. p. 19.

\_\_\_\_\_. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD. **Prevenção ao uso indevido de drogas**: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 4. ed. Brasília: Ministério da Justiça, 2011. 432p.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Caderno de atenção básica**: saúde na escola. Brasília: Ministério da Justiça, 2009. 100p.

\_\_\_\_\_. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas** /Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Ministério da Educação. 6. ed. Brasília: Ministério da Justiça, 2014. 272 p.

CARINHANHA, J. I., PENNA, L. H. G. Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas em instituição de abrigamento. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 68 -76, jan./mar. 2012.

CARLINI, A. E.; GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; NAPPO, S. A. Estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país: 2001. LEVANTAMENTO DOMICILIAR SOBRE O USO DE DROGAS PSICOTRÓPICAS NO BRASIL, I., 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2002.

CARLINI, E. A.; NOTO, A. R. ; SANCHEZ, Z. V. D. M. CARLINI, C.; LOCATELLI, D. P.; ABEID, L. R. AMATO, T. C. ; OPALEYE, E. S.; TONDOWSKI, C. S.; MOURA, Y. G. **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras**. São Paulo: Artprinter Gráficos Ltda, 2010. 503p.

CHAVES, T. V; SANCHEZ, Z. M.; RIBEIRO, L.; NAPPO, S. A. Fissura por *crack*: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex-usuários. **Rev. Saúde Pública**, v. 45, n. 6, p. 1168-1175, 2011.

COSTA, A. G.; CAMURÇA, V. V.; BRAGA, J. M.; TATMATSU, D. I. B. Drogas em áreas de risco: o que dizem os jovens. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 803-819, jun. 2012.

FAJEMIROKUN-ODUDEYI, O.; LINDOW, S. W. Obstetric implications of cocaine use in pregnancy: A literature review. **European Journal of Obstetrics, Gynecology na Reproductive Biology**, v. 112, n. 1, p. 2-8, 2004.

FARIA FILHO, E. A.; QUEIROS, P. S.; MEDEIROS, M.; ROSSO, C. F.; WEIRICH, S. M. M. Concepções sobre drogas por adolescentes escolares. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 68, n. 3, p. 517-523, jun. 2015.

FIGUEIREDO, N. M. A; VIANA, D. L; TONINO, T.; AMORIN, W.; MACHADO, W. C. A. Entre a filosofia e as políticas públicas: o que saber sobre o SUS. In: FIGUEIREDO, N. M. A.; TONINI, T. **SUS e PSF para enfermagem**: práticas para o cuidado em saúde coletiva. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2007b.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.

FORTALEZA. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Infraestrutura (SEINF). **Mapa da Secretaria Regional VI**, 2007.

GIACOMOZI, A. I.; ITOKASU, M. C.; LUZARDO, A. R.; FIGUEIREDO, C. D. S.; VIEIRA, M. Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do Programa Saúde do Escolar/Saúde e Prevenção nas Escolas no município de Florianópolis. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 21, n. 3, p. 612-622, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDBERG, L. G.; YUNES, M. A. M.; FREITAS, J. V. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, p. 97-106, 2005.

GUBERT, F. A.; SANTOS, A. C. L.; ARAGÃO, K. A.; PEREIRA, D. C. R.; VIEIRA, N. F. C.; PINHEIROS, P. N. C. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 11, n. 1, p. 165-72, 2009.

HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D. **Wong: fundamentos de enfermagem pediátrica**. 8. ed. Rio de Janeiro: 2011.

JESUS, M. C. G.; FERRIANI, M. G. C. A escola como “fator de proteção” para drogas: uma visão dos adolescentes e professores. **Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]**, v. 16, n. esp., p. 590-594, 2008.

KIM, J. K.; SUH, J. H. Children’s kinetic family drawings and their internalizing problem behaviors. **The Arts in Psychotherapy**, v. 40, p. 206–215, 2013.

KOERICH, M. S.; BACKES, D. S.; SOUSA, F. G. M.; ERDMANN, A. L. E.; ALBUQUERQUE, G. L. Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 11, n. 3, p. 717-23, 2009.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

LARANJEIRA, R.; JUNGERMAN, F.; DUNN, J. **Drogas: maconha, cocaína e crack**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

LEMOS, T.; ZALESKI, M. As principais drogas: como elas agem e quais os seus efeitos. In: PINSK, I.; BESSA, M. A. **Adolescência e drogas**. 3. ed. São Paulo: contexto, 2012. 199p.

MACHADO, N. G.; MOURA, E. R. F.; CONCEIÇÃO, M. A. V.; GUEDES, T. G. Uso de drogas e a saúde sexual do adolescente. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 284-290, abr./jun., 2010.

MARANGONI, S. R.; OLIVEIRA, M. L. F.. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 662-70, jul./set. 2013.

MARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, v. 22, sup. 2, p. 32-36, 2000.

MEDEIROS, R. Clínica e croni(cidade): impactos do uso/abuso de *crack* na configuração urbana e nos tratamentos da toxicomania. In: SAPORI, L. F.; MEDEIROS, R. **Crack: um desafio social**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010. p.165-220.

MENÉNDEZ, E. Sustancias consideradas adictivas: prohibición, reducción de daños y reducción de riesgos. **Salud Colectiva**, Lanus, v. 8, n. 1, p. 9-24, 2012.

MOMBELLI, M. A. MARCON, S. S., COSTA, J. B.; caracterização das internações psiquiátricas para desintoxicação de adolescentes dependentes químicos. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 63, n. 5, 2010.

MONTEIRO, S.; REBELLO, S.; BRANCO, C. C.; CRUZ, M.. Educação, drogas e saúde: uma experiência com educadores de programas sociais (RJ- Brasil). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2008.

MORAES, J. M. O. **Educação em saúde na escola: passos para a construção de uma adolescência saudável**. 2010. Monografia (Especialização em Medicina de Família e Comunidade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

MORAIS, N. A.; MORAIS, C. A.; REIS, S. Koller, S. H. Promoção de saúde e adolescência: um exemplo de intervenção com adolescentes em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 3, p 507-518, 2010.

MOREIRA, F. G.; SILVEIRA, D. X.; ANDREOLI, S. B. Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 11, n. 3, p. 807-816, 2006.

PAIVA, F. S.; RONZANI, T. M. Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 177-183, mar. 2009.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 3, p. 315-322, 2006.

QUINDERÉ, P. H. D. **A experiência do uso de crack e sua interlocução com a clínica: dispositivos para o cuidado integral do usuário**. 2013. 231f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

RAMIRO, F. S.; PADOVANI, R. C.; TUCCI, A. M. Consumo de *crack* a partir das perspectivas de gênero e vulnerabilidade: uma revisão sobre o fenômeno. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 101, p. 379-392, 2014.

RIBEIRO, C. T. Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, jul./dez., p. 333-346, 2009.

ROCHA, A. P. Proibicionismo e a criminalização de adolescentes pobres por tráfico de drogas. **Serv. Soc. Soc.** São Paulo, n. 115, PP. 561-580, jul./set., 2013.

ROEHRS, H.; LENARDT, M. H.; MAFTUM, M. A. Práticas culturais familiares e o uso de drogas psicoativas pelos adolescentes: reflexão teórica. **Esc. Anna Nery Enferm.**, v. 12, n. 2, p. 353-357, 2008.

RONZANI, T. M.; MOTA, D. C. B. Políticas de saúde para a atenção integral a usuários de drogas. In: BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD. **Prevenção ao uso indevido de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. 4. ed. Brasília: Ministério da Justiça, 2011. 432p.

SALES, R. S.; MEDEIROS, C. N.; RODRIGUES, L. O. CARLOS ALBERTO MANSO, C. A.; CHAVES, D. **IPECE**. O Uso de Drogas Ilícitas entre Estudantes do Ensino Fundamental em Fortaleza e demais Capitais Brasileiras - 2012. Fortaleza: Informe, nº 72, 2014.

SANTOS, S. **Estudo de caso** – A interpretação do desenho infantil. Sebastião Santos. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Ano XV, n. 1. 2013. p. 73.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciências & Saúde**, v. 10, n. 3, p. 707-717, 2005.

SCHWONKE, C. R. G. B.; FONSECA, A. D.; GOMES, V. L. O. Vulnerabilidades de adolescentes com vivências de rua. **Esc Anna Nery Rev Enferm.**, v. 13, n. 4, p. 849-55, out./dez., 2009.

SILVA, L. H. P.; GUIMARÃES, A. N.; BORBA, L. O.; MANTOVANI, M. F.; PAES, M. R.; MAFTUM, M. A. Perfil dos dependentes químicos atendidos em uma unidade de reabilitação de um hospital psiquiátrico. **Esc. Anna Nery Enferm.**, v.14, n.3, p. 585-590, jul/set, 2010.

SILVA, V. A.; MATTOS, H. F. Os jovens são mais vulneráveis às drogas? In: PINSK, I.; BESSA, M. A. **Adolescência e drogas**. 3 ed. São Paulo: contexto, 2012. 199p.

SIMÕES, C. A.; MOLL, J.; MALHEIRO, M. F. S.; RABELO, M. K. O. Programas de promoção da saúde integrados na política nacional de educação: o papel da escola na prevenção do uso de drogas (pse, spe, mais educação). In: BRASIL. Ministério

da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD. **Prevenção ao uso indevido de drogas**: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 4. ed. Brasília, 2011. 432p.

TERRA, M. G.; GONÇALVES, L. H. T.; SANTOS, E. K. A.; ERDMANN, A. L. Fenomenologia-hermenêutica de Paul Ricoeur como referencial metodológico numa pesquisa de ensino em enfermagem. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 93-99, fev, 2009.

THIOLLENT, M. Prefácio. In: DIONNE, H. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro, 2007.

TOLEDO, R. F.; JACOBI, P. R. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educ. Soc. [online]**, Campinas, v. 34, n. 122, p. 155-173, jan./mar. 2013.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez, 2005.

## ***APÊNDICES***

---

## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS

Pedimos a autorização para seu familiar adolescente que estuda nesta unidade educacional participar da pesquisa “USO DE CRACK NA ADOLESCÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FORTALEZA-CE” que tem como objetivo compreender as representações de alunos e professores sobre o uso de *crack* na adolescência.

Dessa forma, pedimos a colaboração do adolescente para participar dos grupos focais, o qual terá a oportunidade de falar sobre sua percepção acerca do uso de *crack* na adolescência. Solicitamos sua autorização para gravar as conversas geradas durante as reuniões. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo para o participante independente da sua opinião sobre o tema. Todos os riscos e transtornos advindos da entrevista serão minimizados pela pesquisadora que realizará o trabalho, pois a mesma é capacitada para a condução de tais atividades. Nas entrevistas todas as informações serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada, pois não haverá divulgação de nomes. Vale ressaltar que a participação do seu filho (a) é voluntária, sendo garantido o direito de desistência da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou danos. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos e revistas especializadas e/ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Como benefício direto para comunidade escolar, nos comprometemos em fazer a devolutiva dos dados ao serviço, aos coordenadores, gestores e aos próprios participantes quando assim solicitado.

Contatos com pesquisadora Esp. Aglay Galvão Francelino (85) 3101-9891. O Comitê de Ética em Pesquisa da UECE encontra-se disponível para esclarecimento pelo Tel./Fax: (85) 3101.9890. Endereço: Av. Paranjana, 1700 – Campos do Itaperi – Fortaleza – CE.

Este termo está sendo elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

---

### TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, autorizo o meu filho (a) \_\_\_\_\_ a participar da mesma.

Fortaleza - CE, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2015.

---

Assinatura do responsável

Assinatura da pesquisadora

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PROFESSORES

O (a) Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: “USO DE *CRACK* NA ADOLESCÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FORTALEZA- CE” que tem como objetivo compreender as representações de alunos e professores sobre o uso de *crack* na adolescência.

Dessa forma, pedimos a sua colaboração nesta pesquisa para participar de uma entrevista que objetiva conhecer suas representações sobre o uso de *crack* na adolescência, bem como as estratégias de enfrentamento do consumo da *crack* pela instituição escolar. Informamos que a coleta de dados será realizada no próprio local de trabalho. Solicitamos sua autorização para gravar a entrevista e garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo para você independente da sua opinião sobre o tema. Os possíveis riscos de constrangimento, serão minimizados pela pesquisadora, pois a mesma é capacitada para a condução de tais atividades. Nas entrevistas todas as informações serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada, pois não haverá divulgação de nomes. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) Sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar, sem qualquer prejuízo ou danos. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos e revistas especializadas e/ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Como benefício direto para a comunidade escolar, nos comprometemos em fazer a devolutiva dos dados ao serviço, aos coordenadores, gestores e aos próprios participantes quando assim solicitado.

Contatos com pesquisadora Esp. Aglay Galvão Francelino (85) 99011012. O Comitê de Ética em Pesquisa da UECE encontra-se disponível para esclarecimento pelo Tel./Fax: (85) 3101.9890. Endereço: Av. Parajana, 1700 – Campos do Itaperi – Fortaleza – CE.

Este termo está sendo elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

---

### TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Fortaleza - CE, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2015.

---

Participante

---

Pesquisador

## APÊNDICE C

### TERMO DE ASSENTIMENTO AO ADOLESCENTE

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “USO DE *CRACK* NA ADOLESCÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA-CE. Neste estudo pretendemos conhecer as representações acerca do uso de *crack* por adolescentes. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é o grande aumento do uso de *crack* por adolescentes na sociedade atual. Para este estudo adotaremos o (s) seguinte (s) procedimento (s): realização de grupos focais, ou seja, rodas de conversas que acontecerão em dois momentos diferentes, dentro da própria escola. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta riscos mínimos, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão a sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Fortaleza \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

Assinatura do adolescente

---

Assinatura da pesquisadora

## APÊNDICE D

### ROTEIRO GRUPO FOCAL/ADOLESCENTES

#### PROJETO DE PESQUISA:

“USO DE *CRACK* NA ADOLESCÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA”

#### Identificação

Idade:

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Série que está cursando:

Com quem mora:

Exerce algum tipo de atividade remunerada ( ) Sim ( ) Não.

Qual \_\_\_\_\_?

- Fale sobre o uso de *crack* na adolescência ( início do uso, com quem usa, como usa)
- Cuidados durante o uso (já viu alguém usando? Ele disse alguma coisa sobre o uso?)
- Recursos utilizados pelos adolescentes para comprar drogas/*crack*.
- O que acontece com o adolescente que usa o *crack* (considerar as dimensões físicas, sociais, emocionais, espirituais e familiares)
- Orientações a respeito do uso de *crack* (onde e de quem). Que tipo de orientações você recebeu? (palestras, oficinas, aulas, em igrejas, em clubes ou outros espaços comunitários, amigos, família)
- Como esse tema deveria ser abordado para os adolescentes? (na escola)
- Construa um desenho que represente a sua opinião sobre o uso de *crack* na adolescência

## APÊNDICE E

### ROTEIRO DE ENTREVISTA / PROFESSORES

#### PROJETO DE PESQUISA:

“USO DE *CRACK* NA ADOLESCÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA-CE”

#### Identificação

Idade:

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Tempo de atuação na área educação:

Disciplina que trabalha:

- Como acontece uso de *crack* na adolescência? (formas de uso/ cuidados durante o uso/ repercussões)
- Como você compreende o uso de *crack* na adolescência? (relação com o aprendizado/ relação com os sentimentos e comportamentos do adolescente com a droga)
- Quais são as condutas frente à identificação de um aluno que usa *crack* (como é abordado/conversa com os alunos/ a família é informada?)
- Quais estratégias são utilizadas para lidar com as situações de uso? (você se sente preparado / capacitação para lidar com o assunto/articulação com a família)
- Como acontece a articulação da escola com as redes assistências de apoio à saúde? (CAPS, ESF).

***ANEXOS***

---

## ANEXO A

### CARTA DE ANUÊNCIA



#### DESPACHO DA CÉLULA DE ENSINO FUNDAMENTAL II – COEF

PROCESSO: P523256/2015	DATA DA ENTRADA: 11/03/2015	FOLHA Nº 89
DE: CÉLULA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	PARA: DISTRITOS 4 E 6	
ASSUNTO: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA DE MESTRADO		

Autorizamos a pesquisa de **Aglay Galvão Francelino**, aluna do curso de Mestrado Profissional, do Centro de Ciências da Saúde, na Universidade Estadual do Ceará, a realizar a pesquisa, que tem como título "*Uso de crack na Adolescência: representações de estudantes e professores de escolas públicas de Fortaleza*", nas escolas dos distritos 4 e 6.

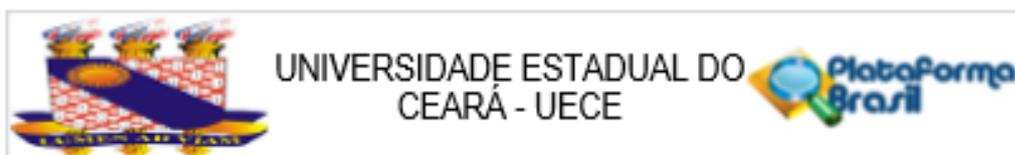
Fortaleza, 30 de março de 2015

Maria Ludovina Mota de Oliveira  
Gerente da Célula de Ensino Fundamental II  
Mota de Oliveira  
Gerente da Célula do Ensino Fundamental II

Carlos Eduardo Araújo Almeida  
Coordenadora do Ensino Fundamental

## ANEXO B

### PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** USO DE CRACK NA ADOLESCÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FORTALEZA

**Pesquisador:** Aglay Galvão Francelino

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 44320015.4.0000.5534

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências da Saúde

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.115.302

**Data da Relatoria:** 15/05/2015

##### Apresentação do Projeto:

O projeto terá como objetivo compreender as representações de estudantes e professores de escolas públicas sobre o uso de crack na adolescência. Trata-se de uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa, a ser realizada em uma escola pública de Fortaleza, localizada na Secretaria Regional VI, no período de junho a novembro de 2015. Participarão da pesquisa 12 alunos e 12 professores, que estiverem com os termos de assentimento e os termos de consentimento livre e esclarecido previamente assinados. Para coleta de dados serão realizados grupos focais, com o intuito de tornar o momento rico em informações, a partir da interação e troca de conhecimentos entre os participantes.

##### Objetivo da Pesquisa:

Compreender as representações de estudantes e professores de escolas públicas, sobre o uso de crack na adolescência.

##### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Com relação ao risco, medidas serão tomadas com o intuito de minimizá-los;

Com relação aos benefícios, são relevantes, pois darão subsídio científico para a comunidade, bem como a tecnologia aplicada (cartilha educativa).

**Endereço:** Av. Silas Munguba, 1700

**Bairro:** Itaperi

**CEP:** 60.714-903

**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3101-9890

**Fax:** (85)3101-9906

**E-mail:** anavaleska@usp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 1.115.302

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é importante, visto que dará embasamento científico e informações que ajudarão alunos e professores sobre essa temática.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

TERMOS DE APRESENTAÇÃO OBRIGATÓRIA adequados

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto foi aprovado e é relevante para o aprendizado de alunos e professores sobre o tema proposto.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

FORTALEZA, 19 de Junho de 2015

---

Assinado por:  
Ana Carina Stelko-Pereira  
(Coordenador)